

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

**JANAÍNA MARTINS DE BRITO**

**CONTRIBUIÇÕES DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NA CONSTRUÇÃO  
RELACIONAL ENTRE ESTUDANTES SURDOS E OUVINTES**

**SÃO MATEUS-ES  
2020**

JANAÍNA MARTINS DE BRITO

CONTRIBUIÇÕES DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NA CONSTRUÇÃO  
RELACIONAL ENTRE ESTUDANTES SURDOS E OUVINTES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientador: Professor Dr. Edmar Reis Thiengo

SÃO MATEUS-ES  
2020

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

B862c

Brito, Janaína Martins de.

Contribuições do intérprete de Libras na construção relacional entre estudantes surdos e ouvintes / Janaína Martins de Brito – São Mateus - ES, 2020.

75 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

Orientação: prof. Dr. Edmar Reis Thiengo.

1. Intérprete de Libras. 2. Estudantes surdos. 3. Estudantes ouvintes. I. Thiengo, Edmar Reis. II. Título.

CDD: 371.9

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

**JANAÍNA MARTINS DE BRITO**

**CONTRIBUIÇÕES DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NA  
CONSTRUÇÃO RELACIONAL ENTRE ESTUDANTES SURDOS E  
OUVINTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração a Educação e a Inovação.

Aprovado em 27 de março de 2020.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



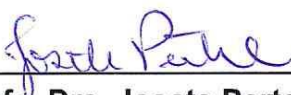
---

**Prof. Dr. Edmar Reis Thiengo**  
**Faculdade Vale do Cricaré (FVC)**  
**Orientador**



---

**Prof. Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes**  
**Faculdade Vale do Cricaré (FVC)**



---

**Profa. Dra. Josete Pertel**  
**Faculdade Multivix São Mateus**

A Deus, que em sua infinita bondade sempre me deu forças  
e me capacitou para chegar até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer e dedicar esta dissertação primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por ter me dado forças para concluir este trabalho.

Ao meu esposo Leonardo Neves de Jesus, por ser o primeiro a me incentivar na realização deste sonho, meu amigo e companheiro. Obrigada por ter me apoiado em todos os momentos.

A toda minha família, principalmente minha mãe Regina Cardoso e minha irmã Tatiana Martins, por ter me acompanhado e acreditado no meu potencial.

Ao meu orientador Dr. Edmar Reis Thiengo, pelo carinho e pela paciência. Obrigada por suas orientações. Ao mestre com carinho.

Aos participantes desta pesquisa e a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

BRITO, JANAÍNA MARTINS DE. **Contribuições do intérprete de libras na construção relacional entre estudantes surdos e ouvintes**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2020.

A presente dissertação tem por objetivo discutir as contribuições do intérprete de Libras na construção relacional entre os estudantes surdos e ouvintes. O contexto histórico da educação surda vem passando por grandes mudanças relacionadas à comunidade surda, tanto nos pressupostos constituídos pela Política Nacional de Educação Especial quanto em elos comunicativos visando à garantia dos direitos da pessoa surda na sociedade e em diferentes espaços, por meio de códigos específicos de comunicação ou sinalização, o que torna então a comunicação um fator indispensável na luta pela inclusão e inserção do surdo. É, portanto, um instrumento facilitador de aproximação e participação social plena, ao articular diferentes formas — oral, escrita ou gesto visual —, possibilitando uma construção relacional e um processo comunicativo em que todos têm direito à fala e ao convívio social. O papel mediador do intérprete de Língua de Sinais abre possibilidades de o estudante surdo receber as informações do universo escolar em sinais, por meio de uma pessoa que possui competência nessa língua. O acesso e o contato com Libras na escola podem favorecer o desenvolvimento e a aquisição de novos conhecimentos de forma ampla e adequada ao aluno surdo. Quanto aos procedimentos metodológicos, salienta-se a análise de dados obtidos na entrevista, foi possível analisar a contribuição do intérprete de Libras, no processo entre esses dois grupos, no qual o intérprete tem criado condições para que o aluno desenvolva hábitos, atitudes de cidadania e habilidades, com intenção de fazer da aprendizagem um processo ativo, significativo, atraente e vivo, contribuindo para a construção de saberes, e para aquisição de conhecimento necessária para seu desenvolvimento em diversos aspectos, impactando na aprendizagem e na relação entre surdos e ouvintes. Ao analisar os resultados obtidos, foi possível constatar que as contribuições de todos os participantes foram muito importantes principalmente a intérprete e os ouvintes como ferramenta indispensável nesse processo inclusivo do aluno surdo, promovendo efetividade, acolhimento e compreensão significativa para a estudante surda, onde comunicação acontece a partir da compreensão da fala do outro. O assunto pautado, todavia, é abrangente, tem grande importância para o contexto educacional e trazem considerações acerca da cultura surda, da aprendizagem do surdo e de ambas, conseqüentemente, elas devem ser vistas no espaço escolar.

Palavras-chave: Intérprete de Libras. Estudantes surdos. Estudantes ouvintes.

## ABSTRACT

BRITO, JANAÍNA MARTINS DE. **Contributions of the pound interpreter to the relational construction between deaf and hearing students.** 2020. Dissertation (Professional Master in Science, Technology and Education) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2020.

The dissertation aims to discuss the contributions of the Libras interpreter in the relational construction between deaf and hearing students. The historical context of deaf education has been undergoing major changes related to the deaf community, both in the assumptions constituted by the National Special Education Policy, and in communicative links aimed at guaranteeing the rights of the deaf person in society and in different spaces, whether through specific codes of communication or signaling, which then makes communication an indispensable factor in the fight for the inclusion and insertion of the deaf. It is, therefore, an instrument that facilitates approximation and full social participation by articulating different forms: oral, written or visual gesture, enabling a relational construction and a communicative process in which everyone has the right to speech and social interaction. The mediating role of the sign language interpreter opens up possibilities for the deaf student to receive information from the school universe in signs, through a person who has competence in that language. The access and contact with Libras at school can favor the development and acquisition of new knowledge in a broad and appropriate way for the deaf student. As for the methodological procedures, the analysis of data obtained in the interview is highlighted, it was possible to analyze the contribution of the Libras interpreter, in the process between these two groups, in which the interpreter has created conditions for the student to develop habits, citizenship attitudes and skills, with the intention of making learning an active, meaningful, attractive and alive process contributing to the construction of knowledge, and to the acquisition of knowledge necessary for its development in several aspects, impacting on learning and on the relationship between deaf and listeners. When analyzing the results obtained, it was found that the contributions of all participants were very important, especially the interpreter and the listeners as an indispensable tool in this inclusive process for the deaf student, promoting effectiveness, welcoming and meaningful understanding for the deaf student, where communication takes place from understanding the other's speech. The subject matter, however, is comprehensive, has great importance for the educational context and brings considerations about the deaf culture, the learning of the deaf and both; consequently, they must be seen in the school space.

Keywords: Libras interpreter. Deaf students. Deaf listeners.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem do espaço <i>Projeto Kennedy Educa Mais</i> .....	42
Figura 2 – Detalhamento da estrutura interna do ouvido .....	44
Figura 3 – Jogo da memória: ferramenta de Interação entre surdos e ouvintes .....	48
Figura 4 – Atividades lúdicas; aprendendo o nome dos animais em Libras.....	50
Figura 5 – Atividades numéricas em Libras.....	51
Figura 6 – História da Branca de Neve contada em Libras .....	54
Figura 7 – Alfabeto em Libras .....	56
Figura 8 – Momento de interação entre os estudantes e a intérprete .....	57
Figura 9 – Guia de orientação: estratégias de mediação entre o intérprete de Libras e os estudantes surdos ouvintes .....	60

## LISTA DE SIGLAS

CAAE	Certificado de apresentação para Apreciação Ética.
CEP	Comitê de Ética
DF	Distrito Federal
Feneis	Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
SP	São Paulo
Ufes	Universidade Federal do Espírito Santo
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1 CONTEXTUALIZANDO O TEMA EM ESTUDO .....	12
1.2 JUSTIFICANDO A PESQUISA.....	20
1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA .....	20
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	23
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	30
3.1 INTÉRPRETE DE LIBRAS: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	30
3.2 FORMAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS .....	32
3.3 O INTÉRPRETE DE LIBRAS E O PROCESSO DE MEDIAÇÃO .....	34
3.4 A UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS DIGITAIS COMO FERRAMENTA DE MELHORA DA ACESSIBILIDADE DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS .....	38
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	40
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO <i>PROJETO KENNEDY EDUCA MAIS</i> .....	41
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	42
4.3 SUJEITOS DA PESQUISA .....	44
<b>5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	47
5.1 FORMAS DE COMUNICAÇÃO UTILIZADAS .....	51
5.2 APRENDIZAGEM DA ALUNA SURDA .....	52
<b>6 GUIA DE ORIENTAÇÃO CONTENDO ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO ENTRE INTÉRPRETE DE LIBRAS E OS SURDOS OUVINTES</b> .....	59
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	63
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	64
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ESTUDANTE SURDA</b> .....	69
<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA PARA INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS</b> ...	70
<b>APÊNDICE C – ENTREVISTA PARA ALUNOS OUVINTES</b> .....	71
<b>ANEXO A – PARECER APROVADO PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP)</b> .....	72

## 1 INTRODUÇÃO

A etapa final da minha educação básica foi feita na Educação de Jovens e Adultos, enfrentando um Ensino Médio com muitas dificuldades, que não afastou o anseio de ser professor. Após terminá-lo, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio e prestei vestibular para o curso de Pedagogia, no qual fui aprovada. Os estudos, no entanto, somente foram possíveis com a bolsa custeada pela Prefeitura de Presidente Kennedy/ES. Foram momentos ricos de socialização e de conhecimento, de suma importância para minha carreira profissional.

Ao concluir o curso, já recém-formada, surgiu a oportunidade de ampliar o horizonte pessoal e profissional por meio do Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação na Faculdade Vale do Cricaré. Diante de várias opções e de várias premissas acerca da inclusão no âmbito educacional, decidi pesquisar contribuições do intérprete de Libras na construção relacional entre estudantes surdos e ouvintes. O propósito é desenvolver a dissertação de mestrado nessa linha, poder contribuir de forma significativa para a interação entre estudantes surdos e ouvintes usuários da Língua Brasileira de Sinais, bem como para o processo de interlocução e parceria do intérprete no contexto educacional.

Considerando que vivemos numa sociedade em que o paradigma vigente é o da normalidade e que a escola pauta suas ações no sentido de atender a um grupo específico, esse paradigma vem sendo questionado e muito se tem feito no sentido de atender a estudantes com necessidades específicas. Assim pensando, inserir um intérprete de Libras na sala de aula abre possibilidades de interação entre o aluno surdo e o aluno ouvinte. É fundamental, portanto, estimular e promover o contato com a Libras, bem como a aquisição de novos conhecimentos com propostas de ensino que favoreçam o desenvolvimento de novos olhares sobre a educação e outras possibilidades de prática educativas, de forma a alcançar efetivamente os objetivos de uma educação inclusiva.

Pensando nessa lógica e a partir das primeiras discussões em sala de aula, essa ideia foi tomando corpo e assim o problema de pesquisa se constituiu. Dessa forma, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão: **como o intérprete de Libras pode contribuir na construção relacional entre estudantes surdos e ouvintes?**

Para responder a esse questionamento, o presente estudo tem como objetivo geral discutir as contribuições do intérprete de Libras na construção relacional entre os estudantes surdos e ouvintes.

Para alcançar o objetivo geral, foi proposto trabalhar também com os seguintes objetivos específicos:

- identificar as possíveis estratégias de mediação utilizada pelo intérprete para a promoção da comunicação entre surdos e ouvintes;
- verificar as estratégias utilizadas pelo intérprete para facilitar a aprendizagem do aluno surdo;
- problematizar a contribuição do intérprete de Libras na construção relacional entre surdos e ouvintes;
- propor um guia de aprendizagem contendo estratégias de mediação entre interprete de Libras e os surdos ouvintes.

## 1.1 CONTEXTUALIZANDO O TEMA EM ESTUDO

Segundo Moura (1997), os surdos, no período da Antiguidade e Idade Média, eram considerados imbecis e não educáveis. Os primeiros relatos a respeito da educação com pessoas surdas surgiram no início do século XVI, com o objetivo de levá-los a alcançar a linguagem oral. Na época, a educação desses indivíduos era feita secretamente, ou seja, cada pedagogo não revelava forma e método de trabalho.

A educação dos surdos atendia apenas os que possuíam bens, pois os familiares pagavam pela educação de seus filhos, porém o método utilizado era o oralista. Nessa perspectiva, proibia-se o uso de sinais e de alfabetos digitais, havendo a obrigatoriedade de receber as informações por meio do canal auditivo e de leitura orofacial. Assim, buscava-se a “reabilitação” dos surdos, fazendo com que agissem como ouvintes.

Ainda de acordo com Moura (1997), havia, em meados do século XVIII, outra forma de pensar a respeito da educação da comunidade surda, o método gestualista. Essa abordagem permitia que eles usassem uma ampla variedade de gestos, envolvendo sinais e também leituras labiais.

Com esses avanços na educação dos surdos e os debates e embates entre os pesquisadores das linhas oralistas e gestualistas, aconteceu o I Congresso Internacional de Milão, no ano de 1878, quando discutiram-se os métodos de ensino

utilizados até o período. No entanto, a grande mudança ocorreu em 1880, durante o II Congresso Internacional em Milão, constituído por pesquisadores oralistas que apresentaram surdos com grande fluência de fala, defendendo assim sua abordagem. Após longos debates entusiasmados, chegaram a um consenso, por votação, de que a metodologia utilizada na educação dos surdos seria a oralista e o uso de gestos e sinais seria banido.

Após esse Congresso, de acordo com Moura (1997), o método oralista expandiu-se pelo mundo, que teve seu auge por quase um século, sofrendo pouquíssimas críticas e sendo utilizado como metodologia de trabalho por muitas escolas, inclusive no Brasil. A esse respeito, pode-se afirmar que

[...] o método oralista só obteve os efeitos que desejava, com o consentimento e a cumplicidade da medicina, dos profissionais da área da saúde, dos pais e familiares dos surdos, dos professores e, inclusive, daqueles próprios surdos que representavam e representam, hoje, os ideais do progresso da ciência e da tecnologia — o surdo que fala, o surdo que escuta (SKLIAR, 1999, p.1).

Dessa forma, conforme Moura (1997), mesmo com a proibição do uso de sinais, algumas comunidades surdas utilizavam esse método “camuflado”, ainda que à margem do sistema. Aos poucos, com o insucesso das práticas oralistas para a educação de surdos, começaram a surgir em 1960 estudos sobre a língua de sinais utilizada dentro das comunidades. Willian Stokoe (1960) foi o primeiro linguista a compreender os sinais utilizados pelos surdos na instituição em que trabalhava. Ele os reconhecia como uma língua autônoma e completa, com estrutura gramatical própria. A partir desse momento, ocorreu então um grande desenvolvimento nos estudos linguísticos a respeito da língua utilizada pelos surdos, impulsionando inclusive pesquisas atuais.

Segundo Soares (1999), estudos sobre a língua de sinais apontam que esse é o meio mais rápido e eficaz para que o sujeito surdo adquira sua própria fala. É por meio da linguagem que o ser humano se desenvolve, constrói relações e se torna assim membro de uma sociedade. No entanto, a mesma língua que inclui esse indivíduo no meio em que está inserido, é também a que pode excluí-lo. Por isso, a educação dos estudantes surdos é um dos pontos cruciais na história de vida desses sujeitos.

Como todo ser humano, os surdos são expostos à língua oral desde seu nascimento, pois ela é a dominante na sociedade, contudo os indivíduos que não a

utilizam acabam sendo excluídos e até impedidos de adquirir os conhecimentos fundamentais para seu pleno desenvolvimento. Nesse sentido, Moura (2000) destaca que a criança ouvinte inicia o processo de estabelecimento dos valores culturais desde seu nascimento, por meio dos relacionamentos interpessoais, da própria escola e pela linguagem; já a criança surda tem na escola o lugar por excelência para adquirir tais valores.

Assim, diante de uma realidade de trabalhar diversos sujeitos no ambiente escolar e com algumas particularidades, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), após muita luta, foi regulamentada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, documento fundamental para garantir os direitos das pessoas surdas, especialmente na área da educação. Essa lei, em seu artigo 1º, parágrafo único, traz o seguinte conceito de Libras:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais — Libras — a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas (BRASIL, 2010, p. 01).

Além dessa lei, a Educação Especial, assegurada pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional — Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 —, reflete a abertura do processo de atendimento educacional e a garantia de introduzir nele inovações, com o objetivo de assegurar outras possibilidades de integração da pessoa com deficiência na sociedade.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva propõe mudanças na prática pedagógica das escolas, considerando a pessoa surda capaz de desenvolver suas potencialidades, assim como os outros (BRASIL, 2008).

O contexto histórico da educação surda vem passando por grandes mudanças relacionadas à comunidade surda, tanto nos pressupostos constituídos pela Política Nacional de Educação Especial quanto nos elos comunicativos visando à garantia dos direitos da pessoa surda na sociedade e em diferentes espaços, por meio de códigos específicos de comunicação ou sinalização, o que torna então a comunicação um fator indispensável na luta pela inclusão e inserção do surdo. É, portanto, um instrumento facilitador de aproximação e participação social plena, ao articular diferentes formas — oral, escrita ou gesto-visual —, possibilitando uma construção relacional e um

processo comunicativo em que todos têm direito à fala e ao convívio social. Segundo Vigotski (2001), a linguagem tem como principal finalidade a comunicação social, ou seja, a interação entre o indivíduo e mundo ao seu redor.

Assim sendo, este estudo pretende ressaltar o papel fundamental da comunicação linguística na construção das relações humanas e no diálogo afetivo entre os indivíduos. É, portanto, indispensável na luta pela inclusão, em sua relação mediadora nos processos comunicativos, além de, no âmbito escolar, estabelecer laços afetivos, o que produz um impacto significativo em todo o contexto educacional.

O aluno surdo precisa de meios de comunicações e interação para se relacionar com os ouvintes. Um estudo realizado com alunos que freqüentam o *Projeto Kennedy Educa Mais* mostra a importância do intérprete de Libras como instrumento facilitador de aproximação e participação social. De acordo com esse estudo, dois estudantes ouvintes freqüentadores convivem em seu cotidiano com pai e mãe com deficiência auditiva, tendo muitas dificuldades para se comunicar com eles devido à falta de conhecimento da Língua Brasileira de Sinais; outros dois estão participando das aulas porque querem adquirir habilidades em Libras, levantando assim novas concepções e possibilidades ao se tratar de inclusão.

O ensino de Libras deve abranger aspectos da sociedade de maneira crítica e participativa, estimular no estudante surdo o exercício da cidadania, bem como ampliar sua comunicação de forma a conquistar seu espaço. A criança surda não nasce sabendo Libras, assim como os outros alunos não nascem falando. Por isso, é imprescindível a figura do intérprete de Libras na escola. O papel do intérprete é desenvolver estímulos de comunicação por meio do ensino de Libras e posteriormente os conteúdos que são necessários à vida acadêmica e social do surdo, uma vez que as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001) estabelecem que os sistemas de ensino devem assegurar principalmente professores especializados ou devidamente capacitados para atuar com qualquer criança especial. Essa resolução é importante para o processo de inclusão do aluno no contexto escolar, pois os professores estarão especializados e qualificados para atuar em diferentes situações e planejar ações que assegurem o aprendizado dos estudantes, podendo assim construir formas alternativas de ensinar e aprender, melhorando a qualidade no ensino.



Skliar (1999) menciona em seu livro que o estudante surdo aprende por meio da linguagem gestual — a língua de sinais — e a utiliza para nomear objetos, situações, pessoas e para identificá-los. Assim, o estudante aprende por meio de outros processos, sendo um deles a oferta do ensino bilíngüe, instituído pela Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Desse modo, a Libras deve ser aprendida como primeiro idioma e a Língua Portuguesa, como segundo.

O Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, recomenda, em seu capítulo VI, art. 22, que se organizem, para a inclusão escolar:

Art. 22 [...]

I – escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II – escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes de diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como a presença de tradutores e intérpretes de Libras – Língua Portuguesa [...] (BRASIL, 2005, p. 4).

Ainda no art. 22, § 1º, o Decreto apresenta como escola ou classe de ensino bilíngüe aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo. O reconhecimento do ensino da Língua Brasileira de Sinais pela Lei nº 10.436/2002 como língua oficial abriu caminho para a educação bilíngüe e a aceitação da existência de uma “cultura surda”.

A inclusão de indivíduos com necessidades educativas especiais no Brasil tem sido um desafio, principalmente para os estudantes colocados à margem das questões sociais, culturais, e educacionais, os quais, muitas vezes, não são vistos pela sociedade por suas potencialidades, mas sim pelas limitações impostas por sua condição. Portanto, falar sobre educação dos surdos e como ela vem sendo conduzida aponta para a realidade de suas necessidades que, por muito tempo, foram negligenciadas.

Na área educacional, a inclusão ganhou mais evidência com a reformulação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e defende que o ensino deve atender todas as crianças, jovens e adultos, sem exceção. No entanto, mesmo com a nova legislação, a inclusão permanece um desafio nas escolas, pois o ato de incluir implica implantar mudanças

importantes na prática pedagógica. Assim, não basta apenas inserir o estudante surdo na sala e realizar atividades descontextualizadas da realidade dele e da turma, mas utilizar os conteúdos curriculares de forma diferenciada, elaborar o planejamento considerando também esse sujeito, para que sua participação nas aulas seja efetiva como a dos demais alunos.

Mesmo com a reformulação das Diretrizes e Bases da Educação Nacional é de suma importância que o estudante surdo tenha domínio do código linguístico, sendo imprescindível que sua inclusão de fato aconteça em vários aspectos, entre os quais os sociais, os culturais e os econômicos. Esse sujeito tem direito de aprender primeiro a Língua Brasileira de Sinais e depois a Língua Portuguesa. Libras, a língua materna da comunidade surda, é a melhor forma de aprendizado entre aluno e professor. Nesse sentido, ambos devem aprender essa língua. No entanto, convém ressaltar que ela não vai substituir a língua portuguesa escrita, mas é de extrema importância que essas duas línguas sejam articuladas na educação do estudante surdo.

Falar do ensino de Libras e abrir possibilidades múltiplas de inclusão e inserção da pessoa surda, incluir e se adaptar às diferenças, bem como permitir a convivência em diferentes espaços, está de acordo com a concepção de inclusão da Declaração de Salamanca (1997):

As diferenças humanas são normais e que, em consonância com a aprendizagem de ser adaptada às necessidades da criança, ao invés de se adaptar a criança às assunções preconcebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1997, p. 4).

Nessa vertente, é possível perceber que a inclusão ainda passa por um processo de evolução e deve ser repensada considerando as diferenças humanas e as particularidades de cada indivíduo.

Diante dessa realidade, convém ressaltar que, apesar dos avanços nas políticas educacionais de inclusão, existe uma grande preocupação para incluir o surdo no âmbito escolar, pois a identidade surda é pouco conhecida (STROBEL, 2009, p. 6). A falta do conhecimento está intrinsicamente ligada à identidade e à cultura surda (como história cultural, língua de sinais, identidades diferentes, leis, pedagogia surda e literatura surda). Assim considerando, é preciso estar atento

[...] às novas atitudes dentro do espaço escolar solicita dos educadores uma visão crítica, política, social, cultural e um questionamento amplo sobre as práticas e as narrativas que lhes constituem, assim como a **manutenção** dessas narrativas por meio de suas ações. As lutas por identidade no espaço escolar implicam uma atenção especial para o conceito da diferença, um aprofundamento nas discussões referentes à diversidade cultural, uma posição crítica frente aos poderes da linguagem social e dos discursos hegemônicos (LULKIN, 2015, p.42).

Lulkin (2015) ressalta que são necessárias novas atitudes e posturas dentro do espaço escolar, cabendo aos educadores adotar uma nova visão, mais crítica, política, social e cultural na luta pela diversidade, assim como se aprofundar nas discussões referentes à diversidade cultural existente em todo contexto educacional.

Além disso, a inclusão no ambiente escolar deve estimular a criança a se desenvolver dentro de seus limites pessoais, e não por meio de padrões impostos socialmente, como a crença de que a pessoa com deficiência não é capaz de uma aprendizagem rica e construtiva (SOUSA, 1999). Com esse objetivo, a escola deve ser um ambiente propício para garantir o aprendizado de cada aluno, bem como favorecer e incentivar a socialização entre os colegas. É necessário valorizar as atividades coletivas em sala de aula, pois não basta apenas fazer parte do ambiente escolar, mas' sim, vivenciar e interagir com o meio no qual está inserido.

Como exposto anteriormente, a Língua Brasileira de Sinais ainda é pouco conhecida. Nesse sentido, o trabalho do intérprete de Libras é de suma importância para que processos comunicativos de aproximações culturais e linguísticas, de fato, aconteçam com o sujeito surdo em diversos aspectos de comunicação. O ambiente escolar deve estimular seu aprendizado, pois essa língua pertence ao universo do surdo e pode ser trabalhada de diversas formas, por meio de projetos ou produções culturais que facilitem a interação do aluno surdo em todos os aspectos de seu cotidiano.

Rosa (2005) discute que a atuação do intérprete de Libras é essencial na construção relacional entre a comunidade surda e ouvinte, sendo ele indispensável entre esses dois grupos linguísticos porque cria elos de comunicação. O intérprete de Libras encontra-se entre a comunidade ouvinte e a comunidade surda, facilita um (des) entendimento entre esses dois grupos linguísticos. Ao realizar seu trabalho, é essencial converter para Libras a mensagem dita em português, buscando a "fidelidade", concebida nesse trabalho como equivalência de mensagens. O intérprete de Libras produzirá outro mesmo discurso: outro, porque o fato de buscar um

sinal/palavra equivalente já é um movimento diferente; e mesmo, pelo fato de o discurso ser correspondente ao discurso de português (ROSA, 2005).

Para Lacerda (2011, p. 33), em relação à tarefa de interpretar a Libras, não se trata de ocupar o lugar do professor ou de ter a tarefa de ensinar, mas considerar que o intuito não é somente a tradução, pois a ação do intérprete da Língua de Sinais deve favorecer o aprendizado do aluno surdo. Segundo a autora, a presença do intérprete educacional não significa assumir o lugar dos professores regentes, mas sim, por meio do ensino de Libras, facilitar a comunicação entre surdos e ouvintes, criando um ambiente favorável, no qual o surdo possa desenvolver suas potencialidades como qualquer outro aluno.

Segundo Lima (2015), o intérprete de Libras precisa modular suas ações, respeitando o professor regente e trabalhando de forma profissional na elaboração de atividades adaptadas que assegurem sua inserção no âmbito escolar, pois não adianta apenas fazer parte do ambiente escolar, mas sim vivenciar e interagir com o meio na qual está inserido.

Seu papel consiste em mediar a comunicação e em estabelecer um ambiente colaborativo com os professores regentes, para que novas estratégias sejam implementadas nas salas de aula e beneficiem não somente o estudante surdo, mas os demais. A união desses profissionais promove e facilita o processo de inclusão. É imprescindível entender que o intérprete é um mediador da comunicação e não um facilitador da aprendizagem. Esses papéis são absolutamente diferentes e precisam ser devidamente distinguidos e respeitados nas escolas de nível básico e superior (DAMÁZIO, 2007).

Além de definir e esclarecer a função do intérprete nas etapas da Educação Básica, Marques (2007) aborda a questão sobre qual seria o papel do intérprete na educação dos alunos surdos na modalidade Educação de Jovens e Adultos, bem como a importância da relação desse profissional com o professor, além de sua participação nos projetos escolares. O engajamento do profissional intérprete na educação deve ser efetivo e ocorrer por meio do intercâmbio com os educadores e demais profissionais da escola. É fundamental que seu trabalho esteja inserido nos projetos políticos pedagógicos, como também a participação de um aluno surdo (MARQUES, 2007).

## 1.2 JUSTIFICANDO A PESQUISA

Considerando que o intérprete de Libras tem papel fundamental na vida escolar do estudante surdo, estabelecendo o elo entre esse aluno e o professor; considerando que esse intérprete pode colaborar efetivamente para uma relação mais saudável entre o estudante surdo e o ouvinte, só por esse motivo (se é que podemos dizer que tudo isso é pouca coisa) esta pesquisa se justifica.

Há ainda que considerar os caminhos percorridos para discutir a importância do intérprete de Libras na construção relacional entre surdos e ouvintes. Por isso, a pesquisa a ser desenvolvida é relevante, porque visa contribuir de uma forma significativa para essa interação; além disso, o trabalho do intérprete no contexto educacional permite acesso à cultura e à identidade surda.

Com métodos significativos, as aulas de Libras devem enfatizar a tradução e a interpretação, a expressão, a cultura e a identidade surda e suas especificidades, bem como desenvolver atividades práticas ao ensiná-la. Por meio delas, o intérprete poderá elaborar e criar formas de facilitar a compreensão das representações da surdez e do contexto escolar. Desse modo, a pesquisa procura analisar a contribuição do intérprete de Libras na construção relacional entre estudantes surdos e ouvintes. Pode-se considerar que é uma obrigatoriedade garantir acessibilidade à educação, seja para o ensino de Libras, seja para o ensino da Língua Portuguesa ou de outras disciplinas (BRASIL, 1988).

A presença de um intérprete de Língua de Sinais na sala de aula abre possibilidades de o estudante surdo receber as informações do universo escolar em sinais, por meio de uma pessoa que possui competência nessa língua. O acesso e o contato com Libras na escola podem favorecer o desenvolvimento e a aquisição de novos conhecimentos de forma ampla e adequada ao aluno surdo (LACERDA; BERNARDINO, 2009). Dessa forma, se efetiva a constituição do conhecimento do aluno surdo e conseqüentemente da comunidade surda.

## 1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA

Para melhor organização e compreensão por parte dos leitores, a presente pesquisa está dividida em seis seções, organizadas de forma lógica, considerando sua composição edesenvolvimento.

Na primeira seção, realiza--se uma introdução à pesquisa, apresentando o problema norteador, os objetivos e a justificativa, trazendo uma contextualização do trabalho do intérprete de libras e sua importância para o estudante surdo, e conseqüentemente para a educação do aluno surdo.

A segunda seção dedica--se a uma revisão de literatura, realizada a partir de consulta a portais de referência na área educacional, destacando o papel do intérprete de Língua de Sinais na educação inclusiva de alunos surdos, que vem apresentando novos caminhos para essa atividade ao estabelecer que a relação deve se perpetuar pelo contato e pelo interesse de ensinar e aprender que os unen diretamente no cotidiano

Na seção 3, encontra--se o referencial teórico, composto por Lacerda e Góes (2000); que afirmam a ideia de que as funções a serem desempenhadas pelo intérprete de Libras vêm sendo ressignificadas, uma vez que seu saber e seu fazer são perpassados por certas peculiaridades da área educacional e não somente pelo domínio e pela fluência de Libras; Skliar (2001), que retrata as mudanças no contexto educacional na luta pela inclusão do surdo; pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que propõe mudanças na prática pedagógica das escolas, considerando a pessoa surda capaz de desenvolver suas potencialidades, assim como os outros (BRASIL, 2008); Moura (1997), para quem a educação dos surdos atendia apenas os que possuíam bens, cujos familiares pagavam pela educação de seus filhos, embora o método utilizado fosse o oralista, por Quadros (2004), que reforça os pressupostos desse profissional, abarcando dessa forma toda a teoria necessária a esta pesquisa.

A quarta seção presta--se à discussão metodológica, que gera dados importantes, e mostra a caracterização do local da pesquisa que ocorreu no projeto *Kennedy Educa Mais*, criado pela Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy, no estado do Espírito Santo, e sancionado pela Lei nº 1.303, de 10 de março de 2017. Faz um breve relato sobre os sujeitos da pesquisa, composta por intérprete aluna surda e alunos ouvintes.

A quinta seção segue apresentando, por meio da análise dos dados, a grande potencialidade que a intérprete tem em mobilizações fundamentais para o desenvolvimento do aluno surdo e a contribuição de suas aulas para troca de comunicação entre surdos e ouvintes, sendo um dos pontos principais nesse processo inclusivo, na busca por elementos que de fato favoreçam o ensino de Libras de forma

significativas para um ensino bilíngüe a pessoas surdas,ressaltando a questão da interação entre a língua materna do surdo e a sua segunda língua.

A seção 6 finaliza a dissertação, concluindo acerca da cultura surda, da aprendizagem do surdo e de ambas, conseqüentemente como elas devem ser vistas no espaço escolar. Conta com um Guia de Orientação, contendo estratégias de mediação entre o intérprete de Libras e os surdos ouvintes.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Ao realizar buscas na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), no Google Acadêmico e nos *sites* de algumas universidades de referência que pesquisam a inclusão dos estudantes surdos, encontramos diversos trabalhos, cada um com sua importância e destaque. Entre as pesquisas analisadas, algumas estabelecem uma relação mais direta com a proposta desta pesquisa, por apresentar discussões sobre o intérprete de Libras e sua relação com os alunos surdos. Destacamos as pesquisas de Vanessa Regina de Oliveira Martins (2004), Carine Mendes da Silva (2014), Raquel Delgado Ramos (2007), Keli Simões Xavier Silva (2010) e Karoline Silveira Dilli (2010).

Vanessa Regina de Oliveira Martins (2004)<sup>1</sup> aborda, em seu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *O papel do intérprete de Língua de Sinais na educação inclusiva de alunos surdos*, realizado na Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP, a relação existente entre o surdo e o intérprete educacional. Apresenta novos caminhos para essa atividade, ao estabelecer que a relação deve se perpetuar pelo contato e pelo interesse de ensinar e aprender que os une diretamente no cotidiano. É uma pesquisa do tipo qualitativo, que busca avaliar três modos de mestrias presentes no ambiente educacional, especificamente as que contam com a presença de pessoas surdas e de intérpretes de Língua de Sinais. Diante disso, foi possível observar a importância da interação do intérprete de Libras no âmbito educacional, pois possibilita uma relação de mestria enriquecedora e necessária para a inserção do aluno surdo em uma educação inclusiva.

Carine Mendes da Silva (2014)<sup>2</sup>, em sua dissertação de mestrado *Processos de escolarização no Distrito Federal: o que dizem os profissionais da escola sobre a inclusão de surdos?*, efetuada na Universidade de Brasília/DF, analisa os desafios impostos à implantação de propostas inclusivas no âmbito educacional e o papel da escola diante dessas políticas inclusivas. Discorre também a respeito das concepções dos profissionais sobre o significado da inclusão escolar, sendo que os apontamentos

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://repositorio.Unicamp.br> >Martins\_VanessaReginadeOliveira\_M.pdf. Acesso em 5 maio 2019.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://repositorio.UnB.br>>2014\_CarineMendesdaSilva.pdf. Acesso em 5 maio 2019



de sua investigação indicam que o êxito da inclusão educacional depende da adesão do público, implicando transformações de cunho pedagógico que são prioritárias frente ao desafio de incluir. Trata-se de um estudo de campo realizado em uma escola de Ensino Médio da rede pública, do Distrito Federal, por meio de entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de entender o processo de escolarização dos surdos e o desenvolvimento bicultural da Língua de Sinais. Sua pesquisa revelou o modo como a inclusão educacional tem sido conduzida. Com essa análise, foi possível perceber que as práticas pedagógicas precisam ser repensadas para que, de fato, ocorra a inclusão do estudante surdo; por sua vez, os profissionais também precisam conhecer o domínio e o campo da Língua de Sinais, com os elementos fundamentais para o desenvolvimento bicultural e educacional desse aluno.

O artigo de Raquel Delgado Ramos e Ivanise Monfredini (2017)<sup>3</sup>, intitulado *A intermediação cultural do Intérprete de Língua Brasileira de Sinais em sala de aula*, contempla o desenvolvimento do processo de Inclusão da pessoa surda e resulta de pesquisa qualitativa. Em seu estudo, as revisões bibliográficas e a análise de documentos possibilitaram analisar as relações intérprete x aluno, mostrando as barreiras que devem ser ultrapassadas para que, de fato, a mediação ocorra de forma eficaz e para uma melhor formação do sujeito surdo e de sua identidade.

O artigo de Keli Simões Xavier Silva (2010)<sup>4</sup>, — *O trabalho do intérprete de Libras na escola: um estudo de caso*, a partir de estudo realizado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em Vitória/ES, ressalta que, embora o intérprete de Libras não seja professor do aluno, deve ter uma atuação colaborativa com o professor regente. Também deve possibilitar que todos se apropriem de saberes e experiências com a Língua Brasileira de Sinais. Além disso, destaca que as funções desempenhadas pelo intérprete de Libras vêm sendo ressignificadas, pois seus saberes são perpassados por certas peculiaridades da área educacional e não somente pelo domínio e pela influência de Libras. Sua função é intermediar as relações estabelecidas entre o aluno surdo e os demais sujeitos presentes nesse contexto. O artigo resulta de uma pesquisa de campo em que a pesquisadora pôde acompanhar o trabalho do intérprete de Libras em uma sala específica e constatou

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/688>. Acesso em: 5 maio 2019.

<sup>4</sup> Publicado na coletânea *Práticas bilíngues: caminhos possíveis na educação de surdos* (2010).

que, para o êxito educacional na luta pela inclusão, o trabalho desse profissional é importantíssimo no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo.

Karoline Silveira Dilli (2010)<sup>5</sup>, em seu Trabalho de Conclusão de Curso *A inclusão do surdo na educação brasileira*, produzido na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ressalta que os sistemas de educação ainda não agem de forma inclusiva e muitos estudantes ainda se sentem excluídos, inclusive o aluno surdo. De acordo com sua pesquisa bibliográfica, a inclusão não é apenas inserir esse aluno em sala de aula, mas sim estabelecer formas inclusivas de comunicação e interação com todos da escola.

Como é possível observar, nas pesquisas descritas, as funções desempenhadas pelo intérprete de Libras vêm sendo ressignificadas, sendo primordialmente intermediar as relações estabelecidas

Além da análise desses estudos, na busca por elementos que destaquem a importância do intérprete de Libras na construção relacional entre estudantes surdos e ouvintes, a pesquisa bibliográfica tem seu alicerce teórico nos seguintes autores e documentos: Lacerda e Góes (2000), quando afirmam que as funções a serem desempenhadas pelo intérprete de Libras vêm sendo ressignificadas, uma vez que seu saber e seu fazer são perpassados por certas peculiaridades da área educacional e não somente pelo domínio e pela fluência de Libras; Skliar (2001), que retrata as mudanças no contexto educacional na luta pela inclusão do surdo; a *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*, que propõe mudanças na prática pedagógica das escolas, considerando a pessoa surda capaz de desenvolver suas potencialidades, assim como os outros (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2008); Moura (1997), para quem a educação dos surdos atendia apenas os que possuíam bens, pois os familiares pagavam pela educação de seus filhos, com a utilização do método oralista, e Quadros (2004), que reforça os pressupostos desse profissional.

Ao mostrar a importância do profissional intérprete de Libras, segundo Lacerda e Góes (2000), Skliar (2001), (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2008), Moura (1997) e Quadros (2004), foi possível buscar elementos para discutir a introdução desse profissional na educação, com vistas à inclusão do estudante surdo. Por meio desses estudos, a pesquisa será dividida sob dois enfoques: o primeiro trata das mudanças

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://tcc.bu.ufsc.br/Ssocial290999.pdf>. Acesso em: 5 maio. 2019

no contexto educacional com novas propostas de reabilitação do estudante surdo; o segundo afirma que as funções a serem desempenhadas pelo intérprete de Libras vêm sendo ressignificadas e explanam pontos acerca das habilidades específicas que só podem ser desenvolvidas quando há domínio da linguagem.

Carlos Skliar (1997) esclarece que, no século XIX, efervesceram novas propostas de correção do surdo, propostas voltadas ao espaço escolar, mas dotadas de estratégias e saberes clínicos. No entanto, mesmo com essa nova reabilitação e descobertas médicas, tais como próteses, que visavam à cura da surdez, poucos surdos conseguiram o êxito esperado pela filosofia oralista. No século XIX e XX, com novas propostas, ressalta-se a prática oralista, em que o surdo começa a utilizar a língua de sinais para reparar a fala surda. Segundo Skliar (2003), a língua de sinais é e foi um problema, quando na verdade problemático é o discurso que circula em torno da oralidade e da língua oral.

Diante dessa realidade, apesar dos grandes avanços na educação bilíngue (Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa escrita), a luta pela inclusão do estudante surdo vem mostrando efeitos devastadores de fracasso escolar. As políticas inclusivas institucionais ainda precisam ser normalizadas por meio de modificações no contexto educacional para quegrar paradigmas. Devem também direcionar o foco para um novo modelo de educação bilíngüe bicultural e linguístico, com novas estratégias pedagógicas de resolução de conflitos.

Foram mais de cem anos de práticas engeuecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional, que negavam a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos (SKLIAR, 2001, p.79).

Dessa forma, a transformação na comunidade escolar é crucial no sentido de modificar atitudes discriminatórias. De acordo com Skliar (2001), as restrições na organização de projetos políticos de cidadania e dos direitos linguísticos, bem como as dificuldades no processo de reorganização e de reconstruções pedagógicas resultam ainda na existência de conflitos, por isso esse cenário precisa demudanças.

De acordo com esse autor, instituir estratégias acolhedoras é ampliar o ensino de Libras para todos, independentemente da surdez. Isso possibilitará a interação entre o surdo e o ouvinte, bem como contribuirá para o fortalecimento da comunidade surda e seus direitos linguísticos. Nesse sentido, é necessário instituir um currículo

flexível, amplo e adequado, que deve seguir novas vertentes, cujo objetivo seja a inclusão e o acesso de todos os alunos a um ensino de qualidade, sendo reconhecidos como seres fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, e o respeito aos ritmos de aprendizagem de cada aluno. Além disso, Skliar (1999), entre outras contribuições, afirma que os gestores e os professores não conseguem visualizar a necessidade e a importância da utilização da língua de sinais dentro da escola e da sala de aula, pois o aprendizado dessa nova língua é solicitado por uma minoria.

A interação entre surdos e ouvintes é um fator de extrema importância na desconstrução do preconceito. Toda equipe escolar deve considerar e visualizar a necessidade e a importância de utilizar a língua de sinais dentro do ambiente escolar, principalmente para a interação em sala de aula. Incluir não é apenas inserir o estudante na sala de aula, mas sim aceitá-lo em sua totalidade, com sua especificidade, além de adaptar-se à sua necessidade e elaborar estratégias que estimulem e favoreçam sua socialização com os colegas.

Lacerda (2000) apresenta uma visão mais clara relacionada à responsabilidade e à função primordial de ensinar o aluno surdo, sendo o intérprete o principal responsável pelo seu processo de ensino-aprendizagem, ao intermediar as relações entre o aluno surdo e todos do contexto educacional com transparência e responsabilidade. A presença do intérprete em uma classe, na qual a maioria é ouvinte, indica inclusão e possibilita diversas formas de integração/inclusão, como a construção de processos linguísticos adequados.

Inclusão escolar deve ser vista como um processo dinâmico e gradual, que pode tomar formas diversas, dependendo das necessidades dos alunos, pois se pressupõe que essa integração/inclusão possibilite, por exemplo, a construção de processos linguísticos adequados, de aprendizado de conteúdos acadêmicos e de uso social da leitura e da escrita. Nesse contexto, o professor responsável precisa mediar e incentivar a construção do conhecimento por meio da interação com ele e com os colegas;; é fundamental que o intérprete tenha um vasto conhecimento não só dos sinais da Libras, mas também de todo contexto que rodeia o sujeito surdo.(LACERDA; SANTOS, 2013, p. 167).

Essas ações exigem estratégias mentais, cujo intuito é transmitir o conteúdo das explicações e dos questionamentos, proporcionando a participação e a interação dos alunos durante a aula e nos demais espaços da instituição de ensino. Lacerda (2013) explana que a ampliação do acesso à comunicação deve ser acessível a todos, por meio de conteúdos que oportunizem aproximações culturais linguísticas entre

estudantes surdos e ouvintes, com atividades que atendam as necessidades desses alunos.

A escrita exige habilidades específicas que somente podem ser desenvolvidas quando se tem o domínio da linguagem. Dessa forma, os surdos precisam dominar a língua de sinais, pois é nessa língua que eles aprendem que palavras, frases, sentenças e parágrafos significam algo e que palavras devem ser situadas em um contexto (QUADROS, 1997). Para isso, o ensino de Libras deve ser amplo, diversificado, por meio do qual o sujeito surdo pode sintetizar e recriar mecanismos linguísticos de maneira crítica e participativa, imprescindíveis para o desenvolvimento social, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras.

No que se refere ao universo escolar, a Declaração de Salamanca (1994) ressalta que

[...] escolas deveriam adaptar--se todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras [...] escolas devem buscar formas de educar tais crianças bem --sucedidamente, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas [...] o estabelecimento de tais escolas é um passo crucial no sentido de modificar atitudes discriminatórias, de criar comunidades acolhedoras e de desenvolver uma sociedade inclusiva (DECLARAÇÃO..., 1994, p. 24).

A educação dos surdos e a inclusão escolar, no art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, são abordadas da seguinte forma:

Art. 22 As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de: I -- escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;  
II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras--Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.[...] (BRASIL, 2005)

Partindo do pressuposto de que as escolas devem buscar formas de educar e oferecer um ensino de qualidade a todos os estudantes, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas, foi possível observar que práticas engehecidas

precisam ser repensadas na tentativa de correção organizacional, pois o contato com sujeitos ouvintes é constante, tanto na escola como em seu cotidiano, e o espaço escolar deve ser um ambiente propício ao seu aprendizado, para seus relacionamentos sociais e seu desenvolvimento cognitivo.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica desta pesquisa abrangerá um breve contexto histórico da evolução da profissão intérprete de Libras que não era oficialmente reconhecida de acordo com Rodrigues e Valente (2012), Quadros (2008) e o Decreto nº 5.626/2005. No decorrer deste estudo, abordaremos também a formação do intérprete de Libras, que deve ocorrer por meio de cursos superiores de tradução e interpretação, habilitando-os em ambas as línguas (Língua de Sinais e Língua Portuguesa), conforme menciona o referido decreto (BRASIL, 2005). Por último, relacionará o intérprete de Libras e o desenvolvimento do estudante surdo, mostrando o papel mediador do intérprete no âmbito educacional, de suma importância para o desenvolvimento do estudante surdo, com base nos estudos de Lacerda (2009), na Constituição Federal (Brasil, 1988) e Glat e Blanco (2009).

#### 3.1 INTÉRPRETE DE LIBRAS: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

É importante refletir a respeito dos conceitos e do contexto histórico da evolução da profissão de intérprete de Libras, tão importante na luta pela inclusão do aluno surdo. Em 1970, não havia um trabalho formal com Libras. A língua de sinais não era oficialmente reconhecida, a maioria dos trabalhadores era composta por voluntários ou pessoas que tinham ligação com sujeitos surdos e não havia registros de profissionais nessa área.

Neste sentido, essas pessoas tiveram que aprender a língua de sinais em contato com o surdo e ir estabelecendo, ao longo deste contato e da prática, um conjunto de conhecimentos e estratégias – linguísticas, culturais, sociais, tradutórias etc. — o que lhes permitiu viver e exercer o papel de intérprete de libras (RODRIGUES; VALENTE, 2012, p. 16).

Nessa realidade, a profissão do intérprete passou por inúmeras transformações e os avanços aconteceram de forma muito lenta, entretanto, com o surgimento, na década de 80, da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Feneis), com técnicas e formas de interpretação, começaram os trabalhos em Libras. Neles, profissionais de tradução passaram a prestar serviço para as organizações religiosas durante os cultos, iniciando assim mudanças no cenário da difusão da Libras.

Nessa época, os intérpretes não tinham status profissional que hoje possuem, mas muitos daqueles intérpretes que atuavam nesses espaços se tornaram, ao longo dos anos, líderes da categoria e, atualmente, participam do cenário nacional enquanto articuladores do movimento em busca da profissionalização desse grupo, como membros e presidentes das associações de Intérpretes de Língua de Sinais no país (QUADROS, 2008, p. 153).

Segundo Quadros (2008), em 1988, foi realizado o I Encontro Nacional de Intérprete de Língua de Sinais. Em 1990, foram estabelecidas as unidades de intérpretes, com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. O II Encontro Nacional de Intérprete de Língua de Sinais ocorreu em 1992. Em 2002, foi aprovada a lei que reconheceu oficialmente a Libras como a Língua Brasileira de Sinais. Já em 2005, com a homologação do Decreto nº 5.626, considera-se tradutor intérprete a pessoa que interpreta a língua fonte para outra língua alvo e a formação desse profissional deve ser em curso superior de tradução e interpretação, com habilidades em Libras/Língua Portuguesa, garantindo, dessa forma, sua atuação em todos os níveis da educação (QUADROS, 2007). A regulamentação da Libras promoveu uma ampla mudança, ressaltando a importância dela na luta pela garantia dos direitos linguísticos, de forma a proporcionar um ensino de qualidade para os estudantes surdos em todos os espaços.

Art. 23. As instituições federais, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de Tradutor e Intérprete de Libras – Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como os equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação (BRASIL, 2005).

No entanto, embora o trabalho do intérprete de Libras seja de suma importância nos dias atuais, somente em 2010, com a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, foi regulamentado oficialmente o exercício da profissão de tradutor intérprete de Libras. Além disso, ainda há um longo caminho a trilhar para que as conquistas continuem avançando não só no legislativo, acerca dos parâmetros, mas também na prática do cotidiano educacional, visando ofertar um ensino de qualidade com ética e respeito às diferenças. É de grande importância que o intérprete de Libras se qualifique profissionalmente e tenha competência linguística para mediar meios de comunicação entre o sujeito surdo e o ouvinte.



### 3.2 FORMAÇÃO DO INTÉRPRETE DELIBRAS

A qualificação e formação desse profissional é muito importante para que, de fato, os direitos linguísticos do aluno surdo seja garantido, se fortaleceram com a Lei nº 10.436/02 (BRASIL, 2002) e com o Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005), que mencionam que a formação do intérprete de Libras deve ocorrer por meio de cursos superiores de tradução e interpretação, habilitando-os em ambas as línguas (Língua de Sinais e Língua Portuguesa).

Art. 19. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras – Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil:

I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior;;

II - profissional ouvinte, de nível médio, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação no ensino fundamental;;

III - profissional surdo, com competência para realizar a interpretação de línguas de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos (BRASIL, 2005).

A formação do intérprete e suas competências, bem como a fluência em Libras para realizar a interpretação, são de suma importância e ganharam amparo no decorrer dos anos, quando a profissão passou a ser vista e valorizada. Mas não basta apenas avançar em Leis que garantam a inserção do surdo, é preciso ir além do que está no papel às instituições de ensino devem incluir essa profissão em todas as modalidades, conforme a publicação do Art. 21.

Art. 21. As instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior devem incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos.

§ 1º O profissional a que se refere o *caput* atuará:

I - nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino;

II - nas salas de aula para viabilizar o acesso dos alunos aos conhecimentos e conteúdos curriculares, em todas as atividades didático-pedagógicas;

III - no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim da instituição de ensino.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com

deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação (BRASIL, 2005).

Segundo Lacerda (2009, p. 139), para a Feneis, a formação do intérprete deve buscar orientar e esclarecer os aspectos importantes da interpretação e que o profissional deve conhecer profundamente a Libras e as técnicas para interpretar, em conjunto com a postura éticaprofissional.

De acordo com a Lei nº 12.319/2010, o tradutor e intérprete da Libras deve observar as seguintes orientações:

Art. 1º. Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Art. 2º. O Tradutor e Intérprete terá competência para realizar interpretação das duas línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa[...]

Parágrafo único: O exame de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras – Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, linguistas e tradutores intérpretes de Libras das instituições de educação superior.

.....  
Art. 6º. São atribuições do Tradutor e Intérprete, no exercício de suas competências:

I - Efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos cegos, surdos cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;

II - Interpretar, em Língua Brasileira de Sinais – Língua Portuguesa, as atividades didáticas pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;

III - Atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;

IV - Atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas;

V - Prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais.

Art. 7º O intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa e à cultura do surdo e em especial:

I - Pela honestidade e discrição, protegendo o direito de sigilo da informação recebida;

II - Pela atuação livre do preconceito de origem, raça, credo religioso, idade, sexo ou orientação sexual ou gênero;

III - Pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir;

IV - Pela postura e conduta adequadas aos ambientes que frequentar por causa do exercício profissional;

V - Pela solidariedade e consciência de que o direito de expressão é um direito social, independentemente da condição social e econômica daqueles que dele necessitem;

VI - Pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda (BRASIL, 2010).

Assim hoje a Lei nº 12.319/2010 regulamenta oficialmente o exercício da profissão de tradutor intérprete de Libras, enfatizando seu fundamental papel mediador no processo de ensino--aprendizagem do estudante surdo.

### 3.3 O INTÉRPRETE DE LIBRAS E O PROCESSO DE MEDIAÇÃO

O papel mediador do intérprete de Libras no âmbito educacional é muito importante no desenvolvimento do estudante surdo, pois ele precisa ser inserido na sociedade contemporânea. Para isso, é essencial utilizar a leitura e a escrita em seu cotidiano, sendo que o intérprete exerce papel imprescindível. Nesse sentido, para alcançar esse objetivo e outros, as instituições de ensino devem reformular e adaptar suas práticas pedagógicas de acordo com as necessidades sociais, visando oferecer um ensino de qualidade de forma que estudantes surdos consigam absorver conteúdos ministrados em aula pelo professor ouvinte.

Atualmente, a inserção do estudante surdo no ensino regular é uma das diretrizes fundamentais da política de inclusão. Entretanto, o desempenho acadêmico e social esperado do estudante surdo somente poderá ser alcançado se o espaço escolar contemplar sua condição linguística e cultural e, portanto, se a língua de sinais estiver presente (SCHELP, 2009, p. 337).

No cenário atual da educação brasileira, tendo em vista a importância da aprendizagem do estudante surdo, a aprendizagem da linguagem ocorre por meio da Língua Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais. No entanto, a metodologia é definida pelo educador, ou seja, se estimulará somente o desenvolvimento da Língua Portuguesa de forma oral ou se optará pelo desenvolvimento conjunto da Língua Portuguesa com a Libras.

Independentemente da metodologia utilizada, o conteúdo de linguagem deve ser o mesmo, pois precisa proporcionar ao estudante experiências significativas que favoreçam a compreensão e a recepção linguística. O papel do intérprete de Libras é despertar nele a necessidade de se expressar e de se comunicar com outra pessoa.

Convém ressaltar que a prática de inclusão na escola envolve a educação de diversos alunos com características e necessidades diferentes. Diante dessa realidade, os professores, tanto o intérprete quanto o regente, precisam modificar suas práticas cotidianamente para se adaptar à realidade desses alunos. Com o aluno surdo não é diferente, é preciso planejar as aulas, considerando sua presença e suas

necessidades, de modo a incluí-lo efetivamente na turma em que está inserido, buscando criar elos de interação e comunicação entre surdo e ouvinte. Portanto, é preciso adaptar as atividades, as avaliações e adequar os conteúdos, de modo a efetivar a participação e a aprendizagem desse aluno.

Ainda vivemos em um contexto de muitos estigmas e preconceitos na sociedade atual, com reflexos significativos no ambiente escolar. A presença e a função mediadora do intérprete de Libras contribuem para gerar laços afetivos por meio da língua de sinais, ao possibilitar a participação efetiva de surdos e ouvintes no âmbito escolar. Assim, é essencial que a equipe pedagógica elabore propostas diferenciadas de aprendizagem e participe de formações de equipes especializadas para dar suporte a todos, inclusive contemplando a educação inclusiva. Além disso, é preciso estimular a participação em formações contínuas, direcionadas à educação inclusiva, pois o processo educativo está em constante mudança.

Dessa forma, o professor regente, junto com o intérprete de Libras, deve buscar novas estratégias pensando reiteradamente no desenvolvimento comunicativo do aluno surdo com a turma na qual permanece inserido. Lacerda (2009) acrescenta:

A inclusão apresenta-se como uma proposta adequada para a comunidade escolar, que se mostra disposta ao contato com as diferenças, porém não necessariamente satisfatória para aqueles que, tendo necessidades especiais, necessitam de uma série de condições que, na maioria dos casos, não têm sido propiciadas pela escola. (LACERDA, 2009, p.166).

Para isso, o currículo da escola deve ser flexível, amplo e adequado, direcionado a promover a inserção de todos, que devem ser reconhecidos como seres fundamentais do processo de ensino-aprendizagem, bem como respeitar os ritmos de aprendizagem de cada aluno. Além disso, o currículo deve estimular estratégias pedagógicas diferenciadas e eficazes para garantir um ensino de qualidade.

As adaptações realizadas no âmbito do projeto pedagógico (currículo escolar) correspondem às medidas de ajuste do currículo geral, como a organização escolar e os serviços de apoio. Essas adaptações devem proporcionar as condições estruturais para que ocorram as adaptações em sala de aula e individuais (BRASIL, 1988). Nesse sentido, consta no art. 59 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases) sobre os sistemas de ensino:

[...]

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para o atendimento especializado, bem como professores de ensino regulares capacitadas para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida da sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação superior com órgãos oficiais afins, bem como aqueles que apresentam uma habilidade superior às áreas artísticas, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

[...] (BRASIL,1996).

Esse dispositivo da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) garante diversos direitos ao educando com necessidades especiais, os quais devem ser implantados pelos sistemas de ensino. Ademais, no âmbito da escola, é fundamental adotar o modelo bilíngue de educação e assim possibilitar um melhor desenvolvimento linguístico do aluno surdo, bem como contribuir para seu desenvolvimento afetivo, social e cognitivo.

No método bilíngue, primeiramente aprende-se a Libras e posteriormente a Língua Portuguesa. A Libras é a língua materna da comunidade surda, sendo, portanto, a melhor forma de estimular o aprendizado entre aluno e professor, devendo ser aprendida por ambos. Convém ressaltar que ela não substituirá a Língua Portuguesa escrita, mas é de extrema importância que essas duas línguas sejam articuladas na educação do estudante com surdez.

O professor regente precisa ter conhecimento de Libras para fazer com que esse aluno se desenvolva em sala, sendo necessária uma metodologia que trabalhe diferentes formas linguísticas e visuais. Assim, ele terá mais facilidade em suas produções textuais e desenvolverá suas potencialidades. Além disso, o professor precisa ter um olhar sensível diante da diversidade, valorizar cada um, pois todos têm direito ao conhecimento. Por ser o mediador, precisa fazer com que o aluno surdo se relacione em sala em trabalhos em equipe, estimulando sua interação com os colegas de classe. Deve evitar que ele permaneça sozinho em um lugar específico da sala de aula e auxiliá-lo a construir seus conhecimentos, mesmo que seja de uma forma diferenciada dos alunos ouvintes. De acordo com Glat e Blanco (2009, p. 2),

[...] a surdez não acarreta apenas uma dificuldade de comunicação, mas afeta o processo “normal” de aquisição da língua oral e, conseqüentemente, o desenvolvimento do pensamento verbal e da aprendizagem acadêmica, de modo geral, que não podem ser alcançados pelo mesmo caminho que os ouvintes.

No que se refere ao processo de aprendizagem, o estudante surdo precisa sempre contar com o apoio visual da escrita, pois ele relaciona a imagem das palavras para produzir sua escrita, associando isso a um sinal que ele conheça. É preciso entender que ele só grava as imagens que vê, mas não ouve. Isso causa muitas dificuldades na hora de o professor regente alfabetizar, porque muitos professores não dominam totalmente a língua de sinais. Diante dessa situação, o aluno com surdez sente-se fora de seu contexto.

Nesse sentido, é preciso criar um ambiente colaborativo entre professores regentes, intérpretes e professores especialistas, para que estratégias planejadas sejam implementadas nas salas de aula, beneficiando não só o aluno surdo, mas os demais. A união desses profissionais promove e facilita o processo de inclusão.

A escola, portanto, e as práticas pedagógicas adotadas devem ser construídas cotidianamente. Além disso, é de suma importância que o professor seja um pesquisador, busque sempre inovar suas estratégias e trocar experiências com outros profissionais, para que assim possa proporcionar situações de interação entre estudantes surdos e ouvintes, tornando o processo de aprendizagem mais prazeroso e efetivo.

Ao constatar o importante papel mediador do intérprete de Libras no âmbito educacional e suas contribuições, é possível perceber que as instituições de ensino devem reformular e adaptar suas práticas pedagógicas, de acordo com as necessidades de seus alunos, visando oferecer um ensino de qualidade, de forma que estudantes surdos consigam interagir e se comunicar com todos da escola. O uso das tecnologias podem contribuir muito nesse processo de ensino aprendizagem de modo a viabilizar a comunicação em todos os contextos educacionais através de aplicativos virtuais como ferramenta de interação e comunicação entre surdos ouvintes.

### 3.4 A UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS DIGITAIS COMO FERRAMENTA DE MELHORA DA ACESSIBILIDADE DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Ainda existem muitas barreiras a serem rompidas e ultrapassadas na luta pela inclusão e inserção do surdo no âmbito escolar e nos processos comunicativos entre surdos e ouvintes. Com o objetivo de romper essas barreiras, muitos aplicativos digitais estão sendo criados. O uso das tecnologias como ferramenta inclusiva permite a esses estudantes surdos igualdade e acesso nos processos comunicativos, sendo ferramenta estimulante para a o processo de aprendizagem. Segundo o conceito proposto pelo Comitê de Ajudas Técnicas, da Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (COMITÊ DE AJUDAS TÉCNICAS, 2007 *apud* GALVÃO FILHO, 2009, p. 26).

A partir de tal entendimento, podemos considerar que as tecnologias são ferramentas computacionais que podem auxiliar na comunicação dos surdos, através de aplicativos que utilizam a Libras. Uma dessas ferramantas é o aplicativo *Hand Talk*, cujo título já diz muito sobre inclusão: *mãos que falam*. Esse progrma usado em dispositivo móvel converte textos, imagens e áudio para a Libras, que nasceu em 2012, depois de uma ideia que Ronaldo Tenório teve na faculdade, juntamente com seus parceiros, Tadeu Luz, arquiteto especializado em 3D, e Carlos Wanderlan, desenvolvedor de sistemas. Tenório criou um aplicativo que traduz áudio e textos para a Libras, através de um intérprete virtual chamado Hugo.

Com mais de dois milhões de downloads, o aplicativo tem um foco educacional para aqueles que estão interessados no idioma. Em 2014, os parceiros desenvolveram o tradutor do *site*, uma ferramenta que torna o ambiente *online* mais acessível para os surdos, usando *plug-in*. Textos e vídeos de *sites* são traduzidos para a linguagem de sinais. O *plug-in* permite acessibilidade digital para 10 milhões de surdos brasileiros, pois, de acordo com a Federação Mundial dos Surdos, cerca de 80% desses indivíduos não conseguem entender completamente a linguagem escrita

de seu país. A comunidade de surdos aprende a linguagem de sinais como sua primeira língua e a maioria depende exclusivamente da Libras para se comunicar.

O português é uma língua basicamente fonética, difícil de entender pelas pessoas surdas, e a maioria das escolas do país ainda não consegue fornecer uma boa estrutura de aprendizado completa. Transformado em um aplicativo e também em um *plug-in*, o intérprete visual do *Hand Talk* — Hugo — pode ser amplamente utilizado pela comunidade de surdos, além de empresas interessadas em atender a esse público.

Outro aplicativo que tem contribuído para a inclusão do surdo é o *Vlibras*, constituído por um conjunto de ferramentas computacionais de código aberto, que traduz conteúdos digitais (texto, áudio e vídeos) para a Libras, tornando computadores, celulares e plataforma *Web* acessíveis para pessoas surdas, pois o usuário tem acesso a vídeos exclusivos por intermédio de pessoas fluentes em Libras ensinando os termos mais básicos da língua. Assim, a tendência é direcionar o aprendizado de Libras para o que é aplicável no dia a dia, através dessas plataformas, com o objetivo de proporcionar um nível razoável de compreensão dos acontecimentos e o desenvolvimento de habilidades sociais e profissionais em Libras.

Muitos recursos estão sendo criados, contribuindo para inclusão e inserção do surdo no âmbito educacional, mas esses recursos ainda são poucos utilizados, por falta de conhecimento e acessibilidade digital. É de grande importância que programas implementados pelo governo brasileiro tenha como intuito facilitar e possibilitar aos cidadãos acesso efetivo às tecnologias em diversos espaços, inclusive escolares.



## 4 METODOLOGIA

Segundo Gil (2007, p. 17), define-se “pesquisa” é definida como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e a discussão dos resultados.

Nessa perspectiva, o presente estudo foi realizado no *Projeto Kennedy Educa Mais*, localizado no município de Presidente Kennedy/ES, durante o mês de janeiro de 2020, e contou com o apoio de quatro alunos ouvintes, uma aluna surda e uma intérprete de Libras. O instrumento de investigação da pesquisa tem caráter qualitativo e exploratório, cujo público-alvo são intérpretes, alunos surdos e ouvintes. Nesse projeto, as aulas de Libras são realizadas duas vezes por semana (terça e quinta-feira) com os alunos (surdos e ouvintes). O estudo avaliou o desenvolvimento de técnicas de tradução, de interpretação e de expressões entre surdos e ouvintes, dando ênfase à ética, à língua, à cultura e à identidade surda, totalizando 20 h semanais.

De acordo com Gil (2007), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Ainda afirma que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

Apresentaremos os dados coletados, bem com análises e discussões desses dados, realizadas no decorrer da entrevista semiestruturada, contendo questões norteadoras para a intérprete, a aluna surda e os ouvintes. A pesquisa segue o método observatório, com perguntas abertas e fechadas na busca de extrair dados enfatizando a importância do intérprete como elo de comunicação entre surdos e ouvintes.

Gil (2008) denomina a observação assistemática como simples e atribui como sua característica primordial a condição de pesquisador tornar-se alheio (ser espectador, o que nem sempre é tarefa fácil de cumprir) ao indivíduo ou grupo que se

pretende investigar, que observa, mas de forma espontânea. Essa modalidade é dirigida ao conhecimento de fatos ou situações que tenham certo caráter público, ou que, pelo menos, não se situem estreitamente no âmbito das condutas privadas [...], o que possivelmente implica adotar a técnica da observação.

#### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO KENNEDY EDUCA MAIS

O *Projeto Kennedy Educa Mais* foi criado pela Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy, estado do Espírito Santo, sancionado pela Lei nº 1.303, de 10 de março de 2017. Foi criado no âmbito do município de Presidente Kennedy e vinculado à Secretaria de Educação:

Art. 2º. Oferecer aos alunos da rede pública municipal uma extensão educacional, a fim de ampliar tempos, espaços e oportunidades educativas no contra turno, através do acesso aos conhecimentos e aos equipamentos sócios e culturais existentes na escola, que oportunizam a aprendizagem e visam ampliar a formação do aluno. As atividades complementares curriculares em contra turno estão organizadas nas áreas do conhecimento, articuladas aos componentes curriculares, nos seguintes macros campo: Aprofundamento da Aprendizagem, Cultura e Arte, Esporte e Lazer, Tecnologias da Comunicação e uso de Mídias. (PRESIDENTE KENNEDY, 2017, p. 5).

Tem a finalidade de criar condições para que a criança desenvolva hábitos, atitudes de cidadania e habilidades, com intenção de fazer da aprendizagem um processo ativo, significativo, atraente e vivo que contribua para a construção de saberes. Ainda em concordância com a Lei n °1.303/2017, enfatiza-se:

O objetivo do projeto Kennedy Educa Mais é ampliar as oportunidades educacionais dos alunos, visando o desenvolvimento pleno através de novas habilidades e conhecimentos, formação cidadã e a melhoria dos resultados dos indicadores educacionais pela expansão do período de permanência diária nas atividades promovidas pela escola. I - Melhora do rendimento escolar; II - supere as necessidades extracurriculares dos alunos; III - favorece um melhor aproveitamento do tempo ocioso; IV - oferecer tranquilidade aos pais e formar cidadãos melhores (PRESIDENTE KENNEDY, 2017, p. 6).

Além de ampliar oportunidades educacionais aos alunos, visando à melhoria nos resultados indicadores educacionais, o Projeto tem o objetivo de ampliar as possibilidades de crescimento pessoal através do aspecto lúdico, abordando questões de ética e valores humanos.

Art. 3º. Esta Lei estabelece os seguintes objetivos específicos do projeto Kennedy Educa Mais:

I - ampliar por meio da arte, cultura e educação as competências e habilidades dos participantes;

II - criar um ambiente de práticas no exercício do convívio social saudável, abordando questões de ética, cidadania, diversidade e valores humanos;

III - promover através da arte e da ludicidade uma visão crítica para sua realidade, ampliando suas possibilidades de crescimento pessoal (PRESIDENTE KENNEDY,2017, p. 6).

Esse programa constitui-se de atividades integradas ao currículo escolar, que oportunizam a aprendizagem e visam ampliar a formação do aluno, em diversos aspectos educacionais, a fim de promover oportunidades educativas no contra turno, através do acesso ao conhecimento e aos equipamentos sociais e culturais, sendo um ambiente propício para tratar a inclusão e suas especificidades.

Por ser algo novo, o projeto possui 2 salas e as reuniões desses alunos muitas vezes acontece em espaço aberto, pois o local ainda está em fase de adaptação e construção de novas salas (Figura 1).

Figura 1 – Imagem do espaço *Projeto Kennedy Educa Mais*



Fonte: <http://www.Kenneyemdia.com.br/>. Acesso em: 6 jun. 2019.

## 4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o número CAAE 2447061.4.0000.8207(ANEXO A). Todos os participantes da

pesquisa receberam cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, após ciência termo, procederam à assinatura.

Os instrumentos utilizados para a produção dos dados se constituíram de entrevistas aos participantes da pesquisa. Para tal, optou-se pela entrevista semiestruturada, uma vez que são poucos os indivíduos pesquisados e porque, no processo de entrevista, questões poderiam surgir — e surgiram — no seu decorrer. Assim foram realizadas entrevistas com a aluna surda (APÊNDICE A), com a intérprete de Libras (APÊNDICE B) e com os alunos ouvintes (APÊNDICE C). A entrevista foi realizada com cada participante individualmente, em que os entrevistados tiveram uma prévia noção do objetivo da pesquisa à qual estavam sendo submetidos.

Recorreu-se também ao uso de observações, que assumiram em nossa pesquisa a modalidade espontânea — quando observamos os fatos, independentemente dos acontecimentos no seu entorno; modalidade sistemática — quanto houve necessidade de descrever situações, e modalidade participante — quando o pesquisador estabelece diálogo direto com o grupo pesquisado. A pesquisa conta ainda com registros fotográficos realizados no seu transcurso.

O envolvimento dos alunos nas atividades desenvolvidas foi de suma importância nas relações entre surdos e ouvintes, o que contribuiu para a inclusão social efetiva de todos os participantes, ao enfatizar a importância do ensino de Libras para o desenvolvimento do alunos urdo. Foi trabalhado, por intermédio de atividades criativas e dinâmicas (apresentadas e descritas na seção 5), com foco na tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais, visando aperfeiçoar as expressões faciais e corporais, conhecer a cultura e a identidade surda e participar efetivamente da comunidade escolar.

Para alcançar o objetivo principal, foi realizado um estudo de campo que buscou evidenciar a contribuição do intérprete de Libras na construção relacional entre surdos e ouvintes.

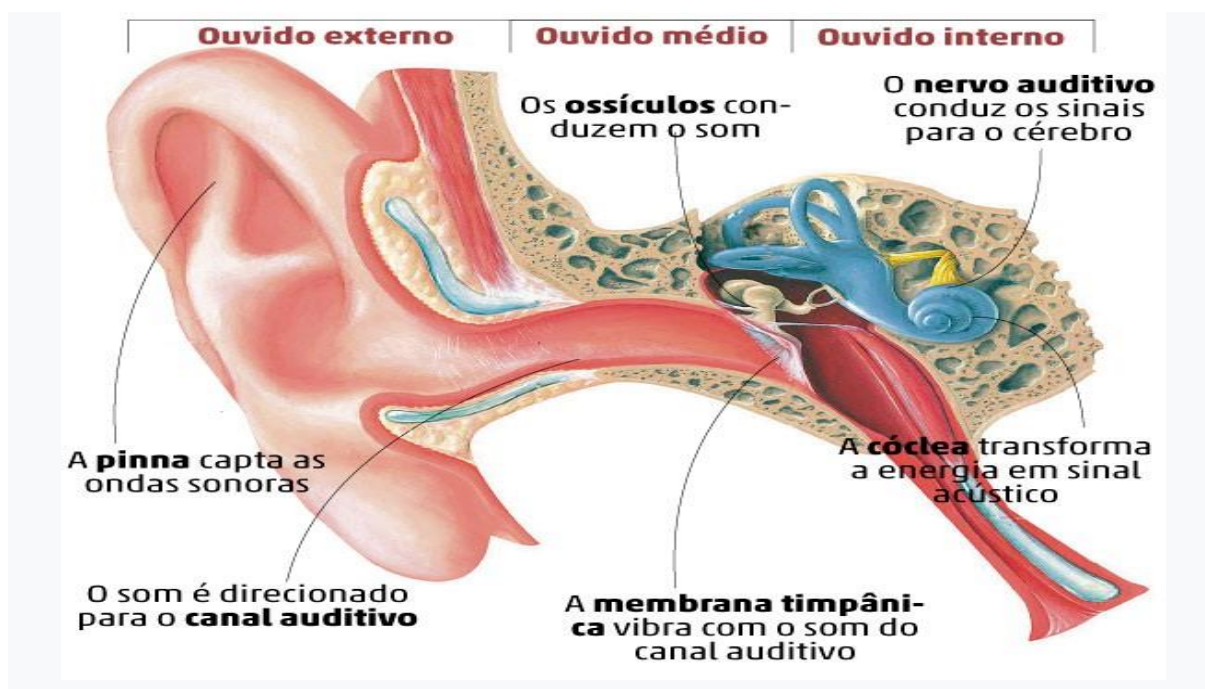
Com os dados obtidos na entrevista, foi possível analisar a contribuição do intérprete de Libras, no processo linguístico entre esses dois grupos, no qual a intérprete pode contribuir de forma significativa, visto que é um dos sujeitos importantes da pesquisa.

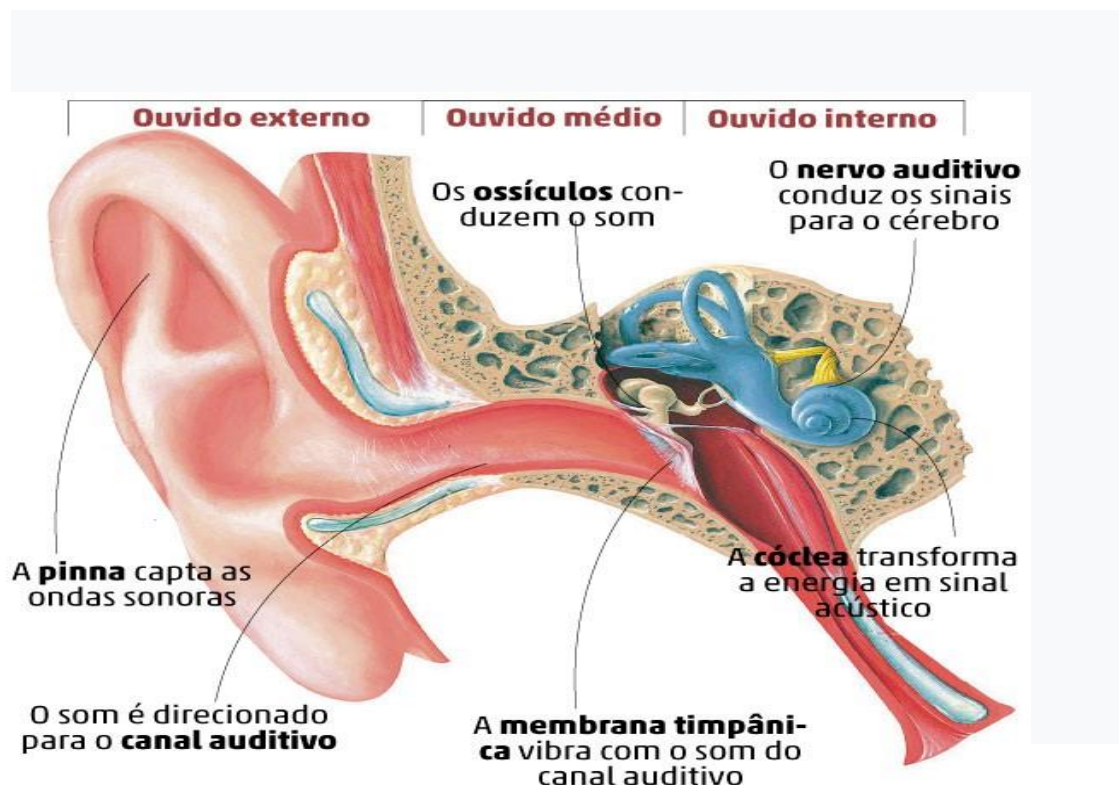
### 4.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos desta pesquisa compuseram um grupo de 6 pessoas — 1 estudante surda, matriculada no 9º ano do Ensino Fundamental, com 19 anos de idade; 1 intérprete de Libras, com graduação em Psicologia e Pedagogia, com especialização em Educação de Libras, atuante no projeto todos os dias da semana, e 4 alunos ouvintes, matriculados no 3º ano do Ensino Fundamental. Para facilitar a compreensão do leitor, os participantes foram identificados como aluna surda (AS), intérprete (I) e alunos ouvintes (AO), numerados de 1 a 4.

A estudante surda possui Laudo de Avaliação Audiológica Neurosensorial, de grau profundo bilateral. A perda auditiva bilateral pode ser causada por fatores no ouvido externo, médio ou interno ou uma combinação dessas áreas. Os sintomas de uma perda auditiva bilateral são audição reduzida nos dois ouvidos.

Figura 2 – Detalhamento da estrutura interna do ouvido





Fonte: <http://www.direitodeouvir.com.br/>. Acesso em: 9 jun. 2019.

Uma perda auditiva bilateral pode ser simétrica ou assimétrica. Quando é simétrica, a perda auditiva é quase a mesma nos dois ouvidos. Quando é assimétrica, um ouvido ouve melhor que o outro, mas há uma perda auditiva nos dois ouvidos em ambos os casos.

Quadro 1 – Perda auditiva bilateral, definição e possíveis causas

TIPO	DEFINIÇÃO	POSSÍVEIS CAUSAS
	A perda auditiva neurossensorial pode ser adquirida ou congênita. Tipicamente resulta	-- O processo de envelhecimento exposição excessiva ao ruído
<b>NEROSSENSORIAL</b>	ou do nervo auditivo no ouvido interno e leva à perda de volume e clareza. dispositivos oferecem benefícios variados.	-- Vírus como Cachumba e Sarampo, medicamentos que podem prejudicar a audição. --Congênita herdada.  -- Parto prematuro dano ao bebê por nascer devido a vírus como Rubéola.

Fonte: <http://www.direitodeouvir.com.br/>. Acesso em; 8 nov. 2019.

Como exposto anteriormente, foi possível notar que a AS perpassou por muitas dificuldades, pois seus pais não sabem relatar como ocorreu a perda auditiva bilateral. Ela só passou a ter auxílio de uma intérprete já com 16 anos, enfrentando então muitas barreiras em seu desenvolvimento intelectual e social. Conforme Godinho (1982), embora a modificação na função auditiva tenha reflexos na comunicação, devido à dificuldade de integralização e desenvolvimento da linguagem, a situação de deficiência auditiva não incapacita o surdo de viver em sociedade e constituir-se como sujeito autônomo.

Mesmo sendo auxiliada com o aparelho auditivo, a aluna demorou muito tempo para se estabilizar no espaço escolar e ainda enfrenta muitos obstáculos. Segundo ela, o auxílio do intérprete de Libras é uma das peças-chave para o aprendizado de estudantes surdos e sempre atinge suas expectativas. Ao iniciar as aulas de Libras no *Projeto Kennedy Educa Mais*, passou a se relacionar melhor com os estudantes ouvintes, relatando a oportunidade de interagir com seus colegas. Segundo ela, nunca tinha convivido antes com pessoas ouvintes que se interessassem pelo ensino de Libras.

A intérprete que ministra as aulas de Libras trabalha atendendo outros tipos de deficiência, apresentando-se com experiência docente como intérprete de Libras há 8 anos. De acordo com ela, o ensino de Libras abrange aspectos da sociedade de maneira crítica e participativa, e estimula no estudante surdo exercício da cidadania, bem como amplia sua comunicação, de forma a conquistar seu espaço em diversos contextos sociais.

Quanto aos alunos ouvintes, são 4 participantes entre 8 a 9 anos de idade, cursando o Ensino Fundamental: 2 irmãos tem o convívio com pai e mãe surdos e sempre tiveram muitas dificuldades em se comunicar e interagir com outras pessoas de seu convívio social, o que acabava afetando seu rendimento escolar devido à timidez. Após o início do projeto, já consegue se comunicar melhor tanto em seu seio familiar quanto em sociedade de modo geral.

Outros 2 participantes ouvintes, tiveram o primeiro contato com o ensino de Libras em uma atividade desenvolvida na escola, se interessaram e foram encaminhados para o projeto para aprender técnicas em Libras. Nunca tinham ouvido falar e, ao começarem a frequentar as aulas ofertadas pelo projeto estão aprimorando a cada dia a linguagem de sinais. Mesmo sem ter necessidade em aprender se sentem bem em poder participar de um ato de inclusão social.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Ao dar início à entrevista, foi possível constatar a importância da intérprete no processo de inclusão e interação entre surdos e ouvintes, e seu papel fundamental na luta pelos direitos linguísticos do aluno surdo e pela sua inserção no ambiente escolar, embora ainda existam muitos estigmas e preconceitos a serem ultrapassados.

A intérprete enfatiza que a educação dos surdos não tem demonstrado muito sucesso ao longo da história. Mesmo com os avanços das leis, ainda vivemos em um contexto de muitos estigmas e preconceitos na sociedade atual, com reflexos significativos no ambiente escolar. Por outro lado, a criação do *Projeto Kennedy Educa Mais* tem proporcionado condições e atitudes de cidadania nos participantes, auxiliando na quebra de paradigmas sobre a linguagem de sinais.

As aulas, com a presença e as habilidades da intérprete, têm criado condições para que a criança desenvolva hábitos, atitudes de cidadania, com intenção de fazer da aprendizagem um processo ativo, significativo, atraente e vivo, contribuindo para a construção de saberes. Sua função mediadora gera laços afetivos por meio da língua de sinais, possibilitando a participação efetiva de surdos e ouvintes no âmbito educacional.

[...] Relata que essa questão linguística evoluiu muito após a criação da lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e outras questões, reconhecendo a Libras como a língua materna dos surdos, mas ainda precisa ser repensada com Políticas Públicas que de fato garantam a inclusão dos surdos em diferentes espaços, principalmente na grade curricular das séries iniciais (I).

Para que de fato a inclusão aconteça, o papel do intérprete de Libras é primordial na garantia dos direitos linguísticos do surdo em diferentes espaços, onde o ato de interpretar facilita a comunicação entre surdos e ouvintes, estabelecendo possíveis maneiras de interação com a comunidade surda. Os aspectos citados estão de acordo com Dorziat (1999), que reconhece, na língua de sinais, a melhor maneira para se comunicar em substituição à linguagem oral utilizada pelos ouvintes, entretanto identifica como outras possíveis maneiras de estabelecer comunicação a oralidade, os sinais, a leitura labial, a escrita, o desenho, os gestos, principalmente quando se trata da prática pedagógica.

[...] suas aulas têm facilitado a comunicação de maneira neutra, garantindo acesso igual à informação e participação, onde é preciso ter domínio da



língua e possuir a qualificação adequada; existem possíveis maneiras de se comunicar, e o método visual é uma delas através do lúdico, ferramenta pedagógica essencial, se tratando de inclusão de surdo (I).

No que se refere ao ensino da Língua Brasileira de Sinais, a intérprete utiliza várias estratégias e o lúdico é uma das ferramentas essenciais para que, de fato, a interação entre surdos e ouvintes ocorra nas atividades. Esses recursos educacionais têm sido o diferencial, pois os alunos aprendem de forma prazerosa. Os benefícios dos jogos tem contribuído para o desenvolvimento nas técnicas de Libras e para a promoção da criatividade, imaginação e do aprendizado espontâneo.

Figura 3 – Jogo da memória: ferramenta de Interação entre surdos e ouvintes



Fonte: Acervo pessoal (2020).

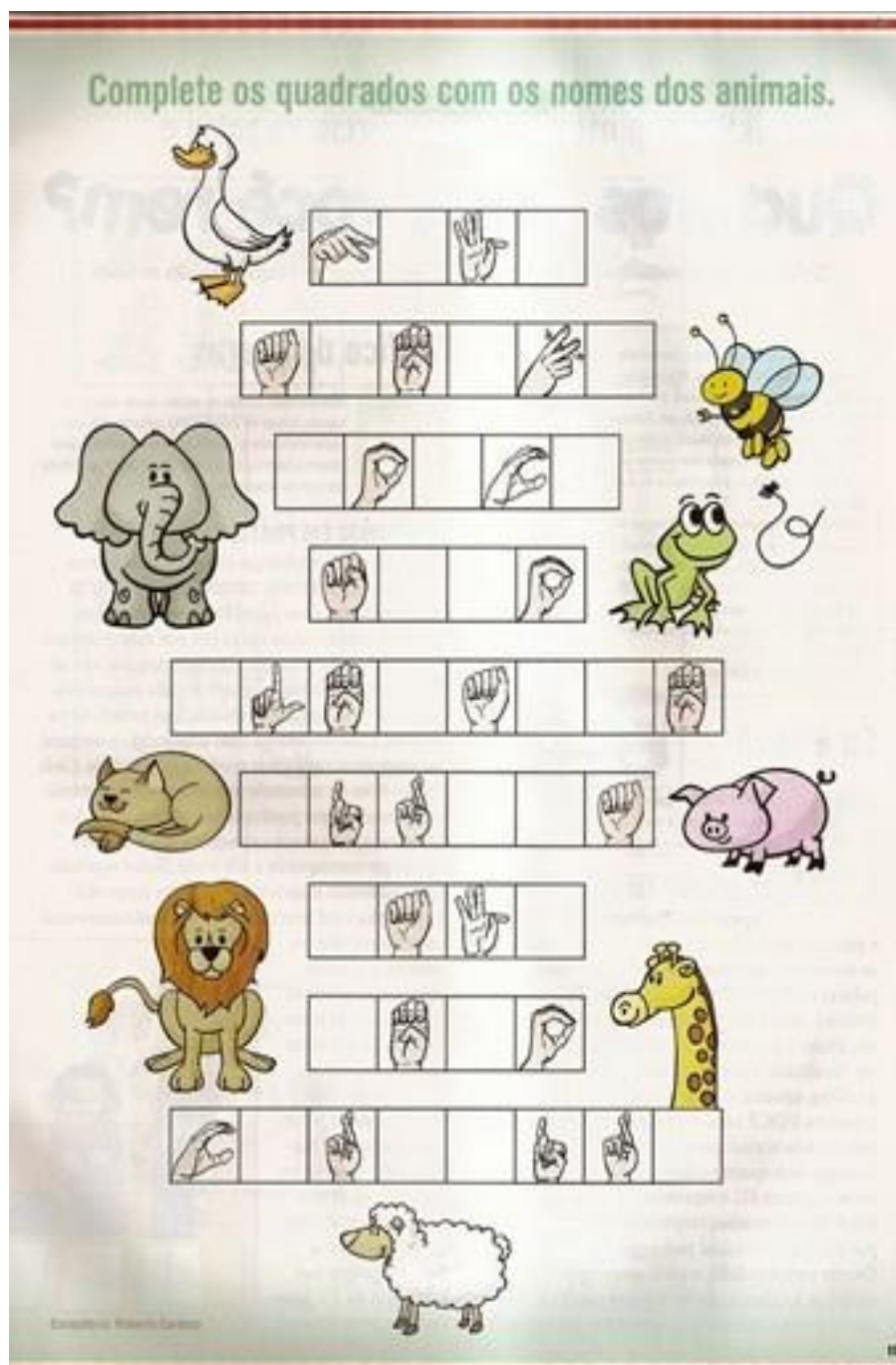
Conforme citado pela intérprete, existem muitas dificuldades para encontrar jogos em Libras. Os jogos são ferramentas essenciais na interação dos surdos e ouvintes, mas a intérprete acaba tendo que utilizar os que já existem. Mesmo não

sendo em Libras, seu uso ajuda muito na inclusão da aluna surda. O jogo da memória tem sido importante no processo de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais como instrumento eficaz para melhorar a interação dos alunos, que aprendem de forma agradável as técnicas em Libras. O jogo da memória possui regras simples e tem o objetivo de memorização das imagens de forma rápida, pois contribui para desenvolver habilidades como discriminação visual, atenção, concentração e memorização.

[...] O desafio são os jogos que quase nunca são encontrados em Libras. Segundo ela, isso ocorre devido ao fato de a comunidade de surdos ser relativamente pequena em número, não há muita oferta em termos de jogos que usam linguagem de sinais. Apesar disso, é possível encontrar atividades lúdicas, em vários tipos de plataformas, que visam essa interação, mas apesar das utilidades da mesma, melhor seria se encontrasse com facilidade no mercado lojista para comprar (I).

A elaboração de atividades impressas para dar suporte e apoio às aulas, através do uso de imagens e figuras, pois só os jogos sem imagens em Libras deixam a aluna surda um pouco confusa. Segundo Quadros e Schmiedt (2006), há poucos materiais específicos nessa área. Sousa e Lima (2014) ressaltam que a maioria dos trabalhos trata da alfabetização de ouvintes, mas os alunos surdos não interagem nem constroem conhecimento da mesma forma que as ouvintes, eles percebem e compreendem o mundo por meio do plano visuogestual.

Figura 4 – Atividades lúdicas; aprendendo o nome dos animais em Libras



Fonte: <http://alfabetizacaocefaproponteselacerda./atividades---em---libras.html>. Acesso em 8 out. 2019.

Essas aulas têm contribuído para aprendizagem espontânea e ampliado a exploração tanto dos ouvintes quanto da aluna surda. Exercícios de completar a frase em Libras, os numerais em Libras e vários outros têm despertando o pensar com clareza, desenvolvendo a criatividade e as técnicas com a Língua de Sinais.

Figura 5 – Atividades numéricas em Libras



Fonte: <http://alfabetizacaocefaproponteselacerda./atividades---em---libras.html>. Acesso em 8 out. 2019.

As atividades devem conter diversas estratégias, entre as quais saber usar o sinal correto em diversas situações matemáticas. Tendo conhecimento das fórmulas convencionadas, a experiência da intérprete, ao transmitir conhecimentos matemáticos, tem somado com a sistematização da aprendizagem em Libras, porque muitas vezes o foco fica só em aprender sinais em português e interpretação de texto.

### 5.1 FORMAS DE COMUNICAÇÃO UTILIZADAS

Foram detectadas, por meio da observação, várias maneiras de expressão utilizadas pela intérprete na comunicação entre os estudantes surdos e os ouvintes. Lopes e Leite (2011), em suas análises, evidenciam a preferência do uso da Libras pelo surdo, principalmente na comunicação com ouvintes, mesmo que ainda utilizem de maneira rudimentar outros tipos de comunicação.

Para que haja a inter-relação de proximidade do estudante surdo e o ouvinte, uma das estratégias importantes é chamar a atenção do surdo antes de falar. Se o indivíduo não responder ao nome falado, um toque no ombro ou outro sinal visual é apropriado.

- Fale claramente e em ritmo normal; não grite ou exagere. Olhe diretamente para o indivíduo enquanto estiver falando.

- Não cubra a boca ou olhe em volta enquanto estiver falando. Evite ficar em frente a uma fonte de luz, o que pode dificultar a visualização clara do seu rosto.
- Se precisar repetir, reformule o pensamento. Algumas palavras são mais difíceis de entender do que outras; reformular permite oportunidades para entender o que foi perdido anteriormente.
- Aprender algumas palavras simples na linguagem de sinais, como “por favor”, “obrigado” e seu nome simples também contribui muito para essa construção relacional entre surdos e ouvintes.
- Fale com uma voz e tom normais. Da melhor maneira possível, tentar falar normalmente. Sussurrar ou gritar pode distorcer seus movimentos labiais, dificultando a pessoa surda a seguir suas palavras. Da mesma forma, se você exagerar os movimentos da boca, será mais difícil de entender do que se falar normalmente.

Fonte: Elaboração da autora (2020).

## 5.2 APRENDIZAGEM DA ALUNA SURDA

A comunicação entre surdos e ouvintes é de suma relevância, pois a capacidade de se comunicar nos define como seres humanos e como sociedade. Cada indivíduo é único e traz seu próprio conjunto de necessidades e preferências de comunicação. É preciso quebrar alguns paradigmas, pois a comunidade surda ainda é pouco compreendida. Comunicar-se para o surdo efetivamente implica um esforço conjunto e compartilhado pelo indivíduo surdo e o indivíduo ouvinte.

[...] ainda existem muitas dificuldades em compreender a cultura surda, onde a linguagem oral é predominante em diversos aspectos, dificultando o processo de inserção social e ausentando-se o desrespeito à sua identidade (AS).

De acordo com a AS, um dos pontos cruciais, tratando-se de inclusão, é a falta de cursos básicos de Libras oferecidos pelo governo. Por essa razão, é necessário maior investimento em treinamento e qualificação, com vistas à melhoria da comunicação, já que a sociedade tem pouco domínio de Libras e isso precisa ser repensado. Está aí, portanto, a importância de se ampliar o domínio da Libras para outros sujeitos.

[...] Precisamos quebrar algumas barreiras de atitudes, infelizmente a maioria das pessoas pensam que os surdos só se comunicam com outros surdos. Ainda sinaliza que a sociedade tem pouco domínio de Libras e isso gera um desconforto ao ter que se comunicar e interagir em diversos locais, e seu contato com os ouvintes no Projeto, têm contribuído para sua legitimidade, e sua identidade (AS).

Dizeu e Caporali (2005) relatam que os surdos se consideram pessoas usuárias de uma linguagem diferente, sendo que desejam ser vistos como pessoas capazes, que possuem suas particularidades. E imprescindível trazer meios que facilitem o processo de ensino aprendizagem garantindo a inclusão do surdo respeitando sua língua materna Libras. Defende a (AS) a maior dificuldade está em perceber o sujeito surdo como um sujeito social.

[...] Meu anseio é ser vista pela sociedade como uma pessoa capaz onde todos respeitem minhas particularidades e necessidades de se comunicar e interagir, e o contato com a intérprete no processo de mediação tem facilitado minha comunicação, contribuído para despertar minhas potencialidades e qualidades em diversos momentos, desenvolvendo uma comunicação afetiva e completa (AS).

Seguindo o conceito de Cantarino (2007, p. 7), o intérprete interfere no conhecimento transmitido ao aluno surdo. A autora afirma que “[...] interpretar não é um ato mecânico”. Ainda de acordo com Cantarino, interpretar vai muito além de estratégias repetitivas e deve possibilitar a formação do sujeito surdo, com maiores estímulos por meio de métodos visuais, sendo de grande importância que o intérprete ofereça materiais ricos nessa área, repensando suas estratégias pedagógicas com dedicação e atenção na mediação da comunicação transmitida.”

[...] Um dos pontos que chamou minha atenção para o projeto foi à dedicação da intérprete com todos os participantes, em preparar aulas com diversas estratégias de mediação e comunicação, uma delas foi a história da Branca de Neve contada em Libras retiradas da internet, onde a mesma relata ter se sentindo acolhida em diversos aspectos, pois devido à demora em seu diagnóstico de surdez e não ter tido o auxílio de uma intérprete desde a infância ela nunca conseguia entender o mundo dos contos de fadas e sempre se sentia excluída. Hoje já consegue se sobressair melhor em diversos aspectos sociais e emocionais (AS).

A melhoria no rendimento escolar da AS foi notável, pois passou a se relacionar melhor com todos da escola, sentindo-se inserida e incluída nas atividades coletivas, pois, através do projeto, ela aprendeu a trabalhar em equipe e a se relacionar em diversos aspectos positivos quanto aos alunos ouvintes.

Com este trabalho, conseguimos mostrar a grande potencialidade que a intérprete tem em mobilizações fundamentais para o desenvolvimento do aluno surdo, uma vez que suas aulas têm contribuído muito para a troca de comunicação entre surdos e ouvintes. Representa, portanto, um dos pontos principais nesse processo inclusivo, na busca por elementos que, de fato, favoreçam o ensino de Libras de forma significativa para um ensino bilíngüe ministrado a pessoas surdas, ressaltando-se a questão da interação entre a língua materna do surdo e a sua segunda língua.

Figura 6 – História da Branca de Neve contada em Libras



Fonte: Acervo da autora (2020).

A partir das ideias apresentadas, é possível perceber que a comunicação entre surdos e ouvintes, mediada em Libras, deve ter o auxílio de um intérprete. Segundo Lacerda (2007), os alunos ouvintes buscam se comunicar com os surdos tentando utilizar a Libras, valendo-se dos poucos sinais que conhecem ou requerendo auxílio do intérprete.

Esta pesquisa também buscou compreender o motivo por que alunos ouvintes frequentam o Projeto para aprender Libras. Os frequentadores são 2 estudantes ouvintes, que convivem em seu dia a dia com pai e mãe surdos, gerando o desafio para aprender a língua de sinais. Um deles relata:

No início do projeto me sentia perdida quase não interagia com ninguém era muito tímida, tinha um estranhamento em relação a Libras, achava bem complicada de aprender, e com a ajuda da intérprete tenho me aproximado, mais dessa cultura surda, despertando o interesse na aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (AO1).

De acordo com o roteiro aplicado através da entrevista, as aulas de Libras têm facilitado a comunicação no seio familiar. As falas de AO1 foram direcionadas com a necessidade de diálogo com seus pais, pois a falta de entendimento da Língua Brasileira de Sinais afetava diretamente o convívio social em diversos aspectos, inclusive o escolar, devido à timidez e à vergonha de se expressar e se comunicar com todos da escola.

A colocação dos alunos ouvintes está em consonância ao que Aranha (1991) ressalta quanto à posição do homem no mundo que o rodeia. Nesse mundo, o processo ativo de apropriação das conquistas da experiência humana é mediado por suas relações com as pessoas.

Tinha muitas dificuldades em me comunicar com os meus pais, não tinha noção do que era o ensino de Libras, e através das aulas ministradas pela intérprete tenho aprendido várias técnicas de mediação em Libras (AO2).

Além desses estudantes que tiveram que incluir Libras em seu dia a dia pela necessidade de se comunicar, outros 2 estudantes ouvintes despertaram o interesse em aprender um pouco da cultura surda. com uma boa motivação para a aprendizagem de Libras. As razões relatadas por eles foram curiosidade e interesse pela língua, para promover a construção de suas interações no ambiente escolar. Segundo eles, essa mediação permitiram experiências necessárias para sua formação social (AO2 e AO3).

Ainda de acordo com os estudantes ouvintes, eles achavam que se comunicar em Libras era algo muito complexo, e com o auxílio da intérprete e seus recursos facilitadores aprenderam a desenvolver em Libras, um dos pontos cruciais foi ter o primeiro contato com o Alfabeto em Libras, sendo uma das primeiras coisas aprendidas nas aulas ( AO1, AO2, AO3 e AO4).



Figura 7 – Alfabeto em Libras



Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

No contexto em questão, a interação entre surdos e ouvintes é um fator de extrema importância na desconstrução do preconceito, pois todos da comunidade devem considerar e visualizar a necessidade e a importância de utilizar a língua de sinais dentro do ambiente escolar, principalmente para a interação em sala de aula. Incluir não é apenas inserir o estudante na sala de aula, mas sim aceitá-lo em sua totalidade, com sua especificidade; é adaptar-se à sua necessidade, estimulando sua socialização e valorizando a diversidade. A Figura 8 reproduz a imagem do momento de interação entre estudantes surdos, ouvintes e intérprete.

Figura 8 – Momento de interação entre os estudantes e a intérprete



Fonte: Acervo da autora (2020).

Para que a interação, de fato, ocorra entre surdos e ouvintes nas aulas ofertadas no projeto, a intérprete também trabalha com alguns alunos que estudam com a AS e se interessam em aprender Libras uma vez por semana. Isso facilita na comunicação da aluna, coisa que antes era impossível, uma vez que ninguém conhecia qualquer sinal em Libras.

Nessas aulas em que participam os alunos ouvintes, são propostas brincadeiras que possibilitam a interação e os elos de comunicação com a linguagem de sinais, por meio de treinamento de conversação com vários colegas, como jogos de adivinhação, entre outros. As salas e algumas áreas do projeto são sinalizadas com placas de sinais em Libras, que têm despertado curiosidade nas pessoas frequentadoras desse ambiente.

Ainda de acordo com a intérprete, a comunicação com a comunidade escolar, em geral, é muito difícil, pois a maioria desconhece a cultura surda e tem pouco interesse em aprender Libras, tentando se comunicar com mímicas ou leitura labial. Nesse momento, se faz imprescindível a presença do intérprete para ser intermediador dessa comunicação.

Pode se constatar ainda que o trabalho da intérprete de Libras foi de suma importância para que processos comunicativos de aproximações culturais e linguísticos realmente acontecessem com o sujeito surdo em diversos aspectos de comunicação e interação. Sua mediação tem auxiliado na melhoria das relações entre surdos e ouvintes, de acordo com os participantes.

As aulas de Libras contribuíram para dar uma centralidade que anteriormente não havia no âmbito educacional; esse projeto pode ser considerado como um instrumento de conquista de direito dos surdos, permitindo a ampliação da própria comunidade surda a partir do ambiente escolar(I).

Ao analisar os dados, foi possível constatar que as contribuições de todos os participantes foram muito importantes, principalmente da intérprete e dos ouvintes, como ferramenta indispensável nesse processo inclusivo do aluno surdo, poid promovendo efetividade, acolhimento e compreensão significativa para a estudante surda, uma vez que a comunicação acontece a partir da compreensão da fala do outro.

## **6 GUIA DE ORIENTAÇÃO CONTENDO ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO ENTRE INTÉRPRETE DE LIBRAS E OS SURDOS OUVINTES**

Pensando em melhorar a interação e a mediação de estudantes surdos e ouvintes no âmbito escolar para o aprendizado de Libras, a pesquisa apresenta como produto final um guia de orientação contendo dicas de plataformas virtuais que visam ao ensino de Libras. *Hand Talk ou Mãos que Falam* é um aplicativo para dispositivo móvel que converte textos, imagens e áudio para a Libras. A plataforma *VLibras* é um conjunto de ferramentas computacionais de código aberto, que traduz conteúdos digitais (texto, áudio e vídeos) para a Libras, tornando computadores, celulares e plataforma Web acessíveis para pessoas surdas. O guia de orientação contempla atividades com ações e habilidades que podem ser exercidas no âmbito escolar, contribuindo para a promoção da comunicação entre surdos e ouvintes.

Figura 9 – Guia de orientação: estratégias de mediação entre o intérprete de Libras e os estudantes surdos ouvintes



## GUIA DE ORIENTAÇÃO: ESTRATÉGIAS DE MEDIÇÃO ENTRE O INTÉRPRETE DE LIBRAS E OS ESTUDANTES SURDOS OUVINTES




hand talk



PLATAFORMA VLIBRAS

Esse aplicativo possui grande importância para a promoção da comunicação do surdo, através dessa plataforma os conteúdos digitais são traduzidos para Libras, áudio, vídeos e textos. Facilitando na interação entre surdos e ouvintes, contribuindo para que a inclusão desse indivíduo de fato aconteça.

ALFABETO DE LIBRAS



VOCABULÁRIOS SIMPLES

Esses vocabulários simples, são fundamentais no cotidiano do estudante surdo, e tem o objetivo de sistematizar o uso dos vocabulários utilizados em Libras, contribuindo para a construção das relações humanas entre os indivíduos, principalmente dos surdos



PLATAFORMA HAND TALK

Dispositivo móvel que converte textos, imagens e áudio para Libras, sendo ferramenta indispensável para a inclusão, inserção e comunicação do surdo.



ALFABETO DATILÓGICO

O alfabeto Ditalógico, e um dos pontos de partida para se aprender Libras, onde os alunos passam a ter contato com o diálogo simples de convivência entre esses dois grupos linguístico contribuído de uma forma mas clara para a compreensão da Língua Brasileira de Sinais

VOCABULÁRIO DE LIBRAS



MAIS DICAS: [WWW.VLIBRAS.COM.BR](http://WWW.VLIBRAS.COM.BR)  
[WWW.HANDTALK.COM.BR](http://WWW.HANDTALK.COM.BR)



ELABORAÇÃO: LAURA SERPA

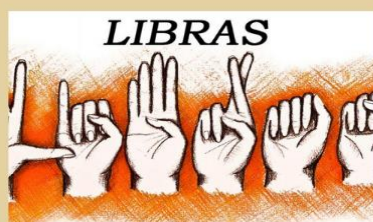
### MATERIAIS ESCOLARES

Reconhecer através do ensino de Libras os objetos escolares de seu cotidiano, estimulando a interação e a inserção do estudante surdo.



### INTERPRETAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS ATRAVÉS DA LEITURA FACIAL

Representar através da história situações de seu cotidiano, estimulando a interação entre os estudantes surdos e ouvintes através do lúdico como fantoches, imagens e leitura facial.



### MEIOS DE TRANSPORTES

Fichas com imagens de diversos meios de transportes, onde cada aluno através da linguagem de sinais terá que sinalizar cada item da imagem ilustrada

### MATERIAIS ESCOLARES



<http://libraseducandoinfantis.blogspot.com>

### TIPOS DE FRASES: AFIRMATIVA; INTERROGATIVA; EXCLAMATIVA E NEGATIVA

1. através das expressões faciais, e corporais os alunos surdos e ouvintes aprendem regras de formação e combinação dos elementos dessa linguagem. Sombrancelhas levantadas, usadas em frases exclamativas, sombrancelhas franzidas usada em frases interrogativas, e várias outras expressão podem ser usadas para que o fato o estudante surdo possa interagir e participar das aulas de



### LEITURA LABIAL

A leitura labial contribui muito para que a comunicação do surdo ocorra em diferentes espaços, pois a Libras ainda é pouco dominante pela sociedade o que dificulta a comunicação dos surdos, e através da leitura labial o surdo consegue compreender e se expressar com maior facilidade o que contribui para a autonomia do mesmo em diferentes contextos inclusive o educacional.

### RELAÇÃO DE PARENTESCO

Apresentar para os alunos surdos e ouvintes gravuras e imagens, sinais referente aos seus familiares, pois o estudante surdo precisa se comunicar em seu meio familiar onde muitas das vezes essa Língua é pouco conhecida, e essas ações no contexto escolar e de grande valia para que a inserção desse estudante aconteça de forma a não se sentir isolado e excluído.



### ANIMAIS EM LIBRAS

Ensinar para os alunos sinais referentes aos animais domésticos, silvestres entre outros; através de vídeo aulas e do lúdico, contribuindo para a troca de conhecimentos entre os alunos de forma inclusiva.

CALENDÁRIO				
2016				
TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
01	02	03	04	05
06	07	08	09	10
11	12	13	14	15
16	17	18	19	20
21	22	23	24	25
26	27	28	29	30

### NUMEROS, QUANTIDADES, ORDINAIS E CARDINAIS EM LIBRAS

Demonstrar a sinalização diferenciada para números ordinais, cardinais e de quantidade, contribuindo para o trabalho em equipe e para a inserção do surdo em atividades coletivas.



### NOMENTO CULTURAL

Exibir filmes que abordam a importância da família no desenvolvimento cognitivo e afetivo do aluno surdo.



### CALENDÁRIO E DATAS COMEMORATIVAS

Ensinar aos alunos os sinais específicos em Libras para cada dia da semana, mês e datas especiais e demais vocabulários relacionais com o calendário.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os resultados obtidos neste estudo, foi possível perceber a importância do *Projeto Kennedy Educa Mais* na vida desses estudantes, principalmente da aluna surda. A atuação da intérprete nesse espaço tem criado condições para que o aluno desenvolva hábitos, atitudes de cidadania e habilidades, com intenção de fazer da aprendizagem um processo ativo, significativo, atraente e vivo, contribuindo para a construção de saberes e para aquisição de conhecimento, necessária para seu desenvolvimento em diversos aspectos, pois impacta na aprendizagem e na relação entre surdos e ouvintes. O assunto pautado, no entanto, é abrangente, tem grande importância para o contexto educacional e traz considerações relevantes acerca da cultura surda, da aprendizagem do surdo e de ambas que conseqüentemente devem ser vistas no espaço escolar.

Evidentemente nossas análises indicam que a interpretação se entrelaça com os processos de ensino e aprendizagem, atribuindo particularidades de ação do intérprete. A atuação desse profissional necessita de mais discussões e atenção dos sistemas educacionais, a fim de possibilitar novos estudos sobre seu trabalho, pois ainda existem muitos paradigmas a serem quebrados. É necessário repensar a formação do intérprete que trabalha na área educacional que, além da abordagem linguística, deve incluir também questões pedagógicas.

Especifica-se que as estratégias pedagógicas utilizadas pela intérprete através do lúdico têm gerado muitos pontos positivos, conforme se observou nesta pesquisa. O lúdico, através do método visual, se torna a principal via de acesso ao conhecimento para surdos e aos aspectos que valorizam o papel ativo do sujeito como construtor de seu conhecimento. Nesse caso, com o tipo de gatilho dessa construção, permite-se aos alunos consciência reflexiva, destacando a importância do intérprete como elo de comunicação.

Ademais, apesar de ainda vivermos em um contexto de muitos estigmas e preconceitos na sociedade atual, com reflexos no ambiente escolar, inserir um intérprete de Libras na sala de aula abre possibilidades de interação entre todos os alunos. É fundamental, portanto, estimular e promover o contato com essa língua, bem como a aquisição de novos conhecimentos com propostas de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento de novos paradigmas, de forma a alcançar efetivamente os objetivos da educação inclusiva.



## REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Salete Fabio. **A interação social e o desenvolvimento de relações interpessoais do deficiente em ambiente integrado**. 1991. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 10 jul. 2019.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 2002.
- BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília, 2010.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. **Parecer CEB/CNE 17/2001**. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, homologação publicada no DOU 17 ago. 2001. Seção 1, p. 46. Resolução CNE/CEB 02/2001, publicada no DOU 14 set. 2001. Seção 1, p. 39. Brasília, 2001.
- CANTARINO, Carolina. Como a sociedade “não” enxerga os invisíveis e os surdos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 6-7, 2007.
- DAMÁZIO, Milene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: pessoa com surdez**. Brasília: MEC, 2007.
- DECLARAÇÃO de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994.
- DILLI, Karoline Silveira. **A inclusão do surdo na educação brasileira**. 2010. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- DIZEU, Liliene Correia Toscano de Brito.; CAPORALI, Sueli Aparecida. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, 2005.
- DORZIAT, Ana. Bilinguismo e surdez: para além de uma visão linguística e metodológica. *In*: SKLIAR, Carlos (Org.). **Atualidade da educação bilingue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999; p. 27-40.

GALVÃO FILHO, Teófilo. **Tecnologia assistiva para uma escola inclusiva: apropriação, demandas e perspectivas**. 2009. 346 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: [http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/10563/1/Tese%20Teofilo%20Galva o.pdf](http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/10563/1/Tese%20Teofilo%20Galva%20o.pdf). Acesso em: 14 jan. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLAT, Rosana; BLANCO, Leila de Macedo Varela. Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva. *In*: GLAT, Rosana. **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2009. p. 15-34.

GODINHO, Eloisa. **Surdez e significado social**. São Paulo: Ed. Cortez, 1982.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A prática pedagógica mediada pela Língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos. **Cad. CEDES**, v. 20, n. 50, p 70-83, 2000.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Mediação, Porto Alegre, 2011.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Intérprete de libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **O intérprete de língua de sinais: investigando aspectos de sua atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Relatório Final. FAPESP. Proc. 00443-3/05, 2007.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; BERNARDINO, Bruna Mendes. O papel do intérprete de língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. *In*: LODI, Ana Claudia Balieiro; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2009; p. 65-79.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos (Org.). **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EDUFSCar, 2013.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; GÓES, Maria Cecília Rafael. **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Editora Lovise, 2000.

LIMA, Camila Góis Silva de. **Intérprete de Libras na Rede Estadual de Ensino de Pernambuco**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Universidade de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <http://www.unifal-mg.edu.br/acessibilidade/codigo-de-etica-interprete>. Acesso em: 1º maio 2019.

LOPES, Mara Aparecida Castilho; LEITE, Lúcia Pereira. Concepções de surdez: a visão do surdo que se comunica em língua de sinais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 17, n. 2, p. 305-320, 2011.

LULKIN, Sérgio Andrés. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada *In*: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 7.ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 33-49.

MARQUES, Rodrigo Rosso. Educação de Jovens e Adultos: um diálogo sobre a educação e o aluno surdo. *In*: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Org.). **Estudos surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007. Disponível em: <https://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Estudos-Surdos-II.pdf>. Acesso em: 1º ago.2019.

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. **Intérprete ou professor: o papel do intérprete de língua de sinais na educação inclusiva de alunos surdos**. 2004. Trabalho de Conclusão (Graduação em Pedagogia em Educação Especial) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). Declaração de Salamanca e linha de ação sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MOURA, Maria Cecília de. **História e Educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais**. Tratado de Fonoaudióloga. São Paulo: Roca, 1997.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PRESIDENTE KENNEDY (Espírito Santo). **Lei nº 1.303, de 10 de março de 2017**. Extensão educacional aos alunos da rede municipal, ES. Presidente Kennedy, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Org.). **Estudos surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RAMOS, Raquel Delgado Ramos; MONFREDINI, Ivanise. A intermediação cultural do intérprete de Língua Brasileira de Sinais em sala de aula. **LEOPOLDIANUM (UNISANTOS)**, v. 1, p. 55-73, 2017.

RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flávia. **Intérprete de libras**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2012.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. 2005. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SCHELP, Patrícia Paula. Letramento e alunos surdos: práticas pedagógicas em escola inclusiva. *In*: EDUCERE, 10., 2009. Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 2009.

SILVA, Carine Mendes da. **Processos de escolarização no Distrito Federal: o que dizem os profissionais da escola sobre a inclusão de surdos?** 2014. 83 f. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SILVA, Keli Simões Xavier. O intérprete de Libras na educação de surdos. *In*: VICTOR, Sonia Lopes; VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa; BREGONCI, Aline de Menezes; XAVIER, Keli Simões; FERREIRA, Aline Batista (Org.). **Práticas bilíngues: caminhos possíveis na educação de surdos**. Vitória: GM, 2010. p. 1-214. v. 1.

SKLIAR, Carlos. **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SKLIAR, Carlos. **E se o outro não estivesse aí?** notas para uma pedagogia (improvável) da diferença. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SKLIAR, Carlos. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. *In*: SKLIAR, Carlos (Org.). **Educação & exclusão: abordagens sócio antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 2001. p. 107-154.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1999.

SOUSA, Luciane Porto Frazão de. Integração em educação especial: questão de concepção ou de instituição. **Revista Espaço**, v. 2, p. 10-20, 1999.

SOUZA, Wilma Pastor de Andrade; PONTES, Adriana Bezerra de Lima Silva. **O uso de jogos como facilitador na alfabetização de crianças surdas**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

STOKOE, William. **Sign and culture: a reader for students of American sign language**. Silver Spring: Listok Press, 1960.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis, 2009. Disponível em:  
<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEdu>

cacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 26 jun. 2019.

UNESCO. Declaração de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. 1994. <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

VIGOTSKI, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins fontes, 2001.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ESTUDANTE SURDA**

Falar um pouco sobre sua trajetória no âmbito escolar, sua relação com os colegas, as dificuldades enfrentadas.

## **APÊNDICE B – ENTREVISTA PARA INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS**

1. Como foi sua trajetória de formação como profissional intérprete de Língua de Sinais?
2. Quantos estudantes surdos e ouvintes estão participando das aulas de Libras?
3. Os alunos ouvintes que iniciaram as aulas de Libras já possuíam algum domínio sobre a língua de sinais?
4. Qual a importância do tradutor intérprete de Libras no processo de inclusão do estudante surdo?
5. Qual o papel do tradutor intérprete de Libras na construção relacional entre estudantes surdos e estudantes ouvintes?
6. Quais as estratégias que você utiliza na tradução e interpretação que possibilitam a interação entre os estudantes?
7. O que você pensa sobre a inserção do ensino de Libras no currículo escolar desde as séries iniciais?

**APÊNDICE C – ENTREVISTA PARA ALUNOS OUVINTES**

Falar sobre sua relação com o *Projeto Kennedy Educa Mais*. Por que participa das aulas de Libras?



## ANEXO A – PARECER APROVADO PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP)



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** CONTRIBUIÇÕES DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NA CONSTRUÇÃO RELACIONAL ENTRE ESTUDANTES SURDOS E OUVINTES

**Pesquisador:** JANAINA MARTINS DE BRITO

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 24470619.4.0000.8207

**Instituição Proponente:** INSTITUTO VALE DO CRICARE LTDA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.688.921

#### Apresentação do Projeto:

CONTRIBUIÇÕES DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NA CONSTRUÇÃO RELACIONAL ENTRE ESTUDANTES SURDOS E OUVINTES

A pesquisa pretende compreender o contexto histórico da educação de pessoas surdas na luta pela inclusão. Assim, visa abordar a importância do intérprete de Libras na construção relacional entre surdos e ouvintes, sendo relevante porque visa contribuir de uma forma significativa na interação entre surdo e ouvinte usuários da Língua Brasileira de Sinais, o processo de interlocução e parceria do intérprete no contexto educacional permite acesso a cultura e identidade surda. A pesquisa será realizado no Projeto Kennedy Educa Mais que fica localizado no município de Presidente Kennedy - ES, e contará com o apoio de 4 alunos ouvintes, 1 aluna surda 1 intérprete de Libras, o instrumento de investigação da pesquisa seguirá caráter qualitativo e exploratório, o público alvo será intérpretes, alunos surdos e ouvintes. Assim sendo, este estudo pretende ressaltar o papel fundamental da comunicação linguística na construção das relações humanas e no diálogo afetivo entre os indivíduos. É, portanto, indispensável na luta pela inclusão, em sua relação mediadora nos processos comunicativos, além de, no âmbito escolar, estabelecer laços afetivos, o que produz um impacto significativo em todo o contexto educacional. O instrumento para a produção dos dados seguirá o método observatório e entrevista

**Endereço:** Rua Humberto Almeida Franklin, 01, 1º Piso, Prédio A  
**Bairro:** UNIVERSITARIO **CEP:** 29.933-415  
**UF:** ES **Município:** SAO MATEUS **E-mail:** cep@ivc.br  
**Telefone:** (27)3313-0009



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Continuação do Parecer: 3.688.921

semiestruturada, com perguntas abertas e fechadas.

O estudo avaliará o desenvolvimento de técnicas de tradução, de interpretação e de expressões, entre surdos e ouvintes, dando ênfase à ética, à língua, à cultura e à identidade surda

**Objetivo da Pesquisa:****Objetivo Primário:**

Investigar as contribuições do Interpretador de Libras na construção relacional entre os estudantes surdos e ouvintes.

**Objetivo Secundário:**

- \* Identificar as possíveis estratégias de mediação utilizada pelo intérprete para a promoção entre surdos e ouvintes;
- \* Verificar as estratégias utilizadas pelo intérprete para facilitar a aprendizagem do aluno surdo e problematizar a contribuição do intérprete de Libras na construção relacional entre surdos e ouvintes;
- \* Problematicar a contribuição do intérprete de Libras na construção relacional entre surdos e ouvintes;
- \* Investigar o relato de vida desses estudantes; antes, durante; e depois das práticas e conhecimentos da Língua Brasileira de Sinais no decorrer das aulas com a intérprete de Libras.
- \* Por meio das observações realizadas no contexto escolar, montar um guia didático para a Secretaria Municipal de Educação, mostrando a importância de inserir o ensino de Libras na grade acadêmica das escolas como uma adequação curricular.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:****Riscos:**

Os possíveis riscos da participação no estudo são de constrangimento durante uma entrevista ou uma observação. Sendo assim, para minimizar o constrangimento, realizarei a entrevista em um lugar que o participante sinta-se à vontade.

**Benefícios:**

O benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é contribuir de forma significativa na construção de elos comunicativos entre o sujeito surdo e o ouvinte, permitindo que a inclusão do surdo aconteça em diversos aspectos de inserção e interação desse sujeito no âmbito educacional e social.

**Endereço:** Rua Humberto Almeida Franklin, 01, 1º Piso, Prédio A  
**Bairro:** UNIVERSITARIO **CEP:** 29.933-415  
**UF:** ES **Município:** SAO MATEUS  
**Telefone:** (27)3313-0009 **E-mail:** cep@ivc.br



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Continuação do Parecer: 3.688.921

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é relevante porque visa contribuir de uma forma significativa para a interação entre surdo e ouvinte usuários da Língua Brasileira de Sinais, para o processo de interlocução, e a parceria do intérprete no contexto educacional permite acesso à cultura e à identidade surda. Ou seja, contribuirá para a construção relacional entre surdos e ouvintes

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos inerentes ao objeto de pesquisa foram apresentados adequadamente.

**Recomendações:**

Sugere-se que o professor, participante da pesquisa, interprete de Libras, esteja com o aluno no momento da apresentação do termo de assentimento, bem como, em todo o processo da obtenção dos dados da pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisa atende aos preceitos da legislação vigente e, deste modo, considera-se aprovada por este relator.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O colegiado entende que o projeto de pesquisa foi aprovado considerando que:

- A pesquisa é relevante porque visa contribuir de uma forma significativa para a interação entre surdo e ouvinte usuários da Língua Brasileira de Sinais, para o processo de interlocução, e a parceria do intérprete no contexto educacional permite acesso à cultura e à identidade surda. Ou seja, contribuirá para a construção relacional entre surdos e ouvintes.

- Todos os termos inerentes ao objeto de pesquisa foram apresentados adequadamente.

**OBSERVAÇÃO:**

Como sugestão a pesquisadora poderia usar um segundo intérprete para análise do intérprete ativo.

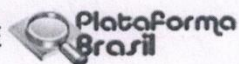
**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1425434.pdf	21/10/2019 22:38:42		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	_TERMO_DE_CONSENTIMENTO_.docx	21/10/2019 22:37:34	JANAINA MARTINS DE BRITO	Aceito

**Endereço:** Rua Humberto Almeida Franklin, 01, 1º Piso, Prédio A  
**Bairro:** UNIVERSITARIO **CEP:** 29.933-415  
**UF:** ES **Município:** SAO MATEUS  
**Telefone:** (27)3313-0009 **E-mail:** cep@ivc.br



INSTITUTO VALE DO CRICARÉ



Continuação do Parecer: 3.688.921

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_MENORES_.doc	21/10/2019 22:17:34	JANAINA MARTINS DE BRITO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Texto_teste_.jpg	21/10/2019 22:12:57	JANAINA MARTINS DE BRITO	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVR E_E_ESCLARECIDO_Responsavel_Le gal_.docx	21/10/2019 22:04:14	JANAINA MARTINS DE BRITO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_.docx	21/10/2019 21:59:23	JANAINA MARTINS DE BRITO	Aceito
Folha de Rosto	texto_teste.pdf	03/10/2019 20:54:28	JANAINA MARTINS DE BRITO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO MATEUS, 06 de Novembro de 2019

Assinado por:

LILIAN PITTOL FIRME DE OLIVEIRA  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Rua Humberto Almeida Franklin, 01, 1º Piso, Prédio A

**Bairro:** UNIVERSITARIO

**CEP:** 29.933-415

**UF:** ES

**Município:** SAO MATEUS

**Telefone:** (27)3313-0009

**E-mail:** cep@ivc.br